

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

**FERNANDA MARTINS COELHO**

**BIBLIOFILIA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS  
E SEUS ADEPTOS EM GOIÂNIA**

**GOIÂNIA  
2013**

**FERNANDA MARTINS COELHO**

**BIBLIOFILIA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E SEUS ADEPTOS EM GOIÂNIA**

Monografia apresentada à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Vanderley Gouveia

**GOIÂNIA**

**2013**

---

C672b

Coelho, Fernanda Martins.

Bibliofilia: principais características e seus adeptos em Goiânia /  
Fernanda Martins Coelho. – Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.  
82 f.; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de  
Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, Goiânia, GO, 2013.  
Orientador: Prof. Vanderley Gouveia.

1. Bibliofilia. 2. Colecionismo. I. Vanderley Gouveia.

II. Título.

---

**FERNANDA MARTINS COELHO**

**BIBLIOFILIA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E SEUS ADEPTOS EM GOIÂNIA**

Monografia apresentada junto ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ pela banca examinadora composta pelos profissionais:

---

**José Vanderley Gouveia**  
**Orientador**  
**Presidente da Banca**

---

**Maria de Fátima Garbelini**  
**Membro Examinador**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade do aprendizado.

Aos meus sempre dedicados pais, Fernando e Adriani, pelo apoio, carinho, cumplicidade e por terem sido meus companheiros e por terem me dado o suporte necessário. Sem eles, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus irmãos, pelos momentos de descontração quando me sentia cansada e por aturar meus nervosismos no dia-a-dia, e em especial a minha irmã Daniela, que tanto contribuiu nos momentos finais da pesquisa e a quem devo muito.

Ao meu namorado, Marco Tulio, que sempre ouviu meus desabafos com paciência, conselhos, sempre com muito carinho durante esses quatro anos de curso.

Aos meus avós, distantes e presentes, que tenho certeza sempre me apoiaram.

A minha família em geral, tios, tias, primos e primas pelos conselhos e preocupações acerca do curso e, mais especificamente, da pesquisa em questão.

Ao meu melhor amigo Pedro Henrique, pelas conversas sem fim e por lembrar sempre que o melhor da amizade é o apoio e o carinho que recebemos dela, mesmo quando distantes.

Às minhas queridas amigas Letícia e Rafaela, por terem me aturado todos esses anos, participando com os trabalhos, tirando minhas dúvidas, levantando meu astral quando eu me sentia perdida, enfim, como sempre afirmei vocês foram de fato meus anjos da graduação.

Às também amigas Erinéia, Mayan e Nayara, e todos os outros amigos e colegas de sala da turma de Biblioteconomia do ano de 2010, que contribuíram com meu aprendizado e tornaram os dias durante esses quatro anos mais que uma rotina, um aprendizado com muito humor e simpatia.

Ao professor e meu orientador Vanderley, pelas orientações, conselhos, sugestões, e por sempre se fazer presente quando era necessário.

A todos os professores do curso, que proporcionaram muito além que o aprendizado necessário para que me tornasse uma profissional formada, mas também uma pessoa cada vez melhor.

Por fim, mas não menos importantes, aos entrevistados, pela atenção, paciência e disponibilidade, sem a participação deles, a conclusão desta pesquisa não teria sido possível.

O meu muito obrigada a todos!

## RESUMO

A pesquisa trata da bibliofilia, prática de colecionar livros raros. Sua origem, desde os tempos antigos da Assíria, até os dias de hoje, sua conceituação e principais características, o que se colecionar, seus principais praticantes, os chamados bibliófilos; a maneira como essa prática é registrada e praticada, através das associações ou grupos de bibliofilia existentes no país. Nesta pesquisa trata-se também das obras raras, que são alvos das coleções dos bibliófilos. Apresenta o conceito, bem como as divergências sobre este mesmo conceito entre bibliófilos e bibliotecários, além de explicar do que elas são compostas e quais as suas características. Aborda-se também o colecionismo, suas formas, patológicas ou não, e diferenças. São apresentadas entrevistas com colecionadores de livros goianos, a fim de que se entenda melhor sobre essa prática na cidade.

**Palavras-chave:** Bibliofilia. Colecionismo. Livros Raros.

## **ABSTRACT**

The research deals with bibliophilia, practice of collecting rare books. Its origin from the ancient times of Assyria until this day, its concept and main characteristics, which is collecting its leading practitioners, called bibliophiles, and the way this practice is recorded and practiced, through associations or groups bibliophilia existing in the country. In this research it is also of rare works, which are targets of the collections of bibliophiles. Introduces the concept, as well as disagreements over this same concept among bibliophiles and librarians, and explain what they are made and what their characteristics. It deals also with collecting, its forms, pathological or not, and differences. Interviews with collectors of goianos books are presented in order that they understand better about this practice in the city.

**Keywords:** Bibliophile. Collecting. Rare books.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1 -</b>	Rubens Borba de Moraes	18
<b>FIGURA 2 -</b>	José Mindlin	19
<b>FIGURA 3 -</b>	Convite I Exposição de Livros Raros IPEHBC – PUC/GO	22
<b>FIGURA 4 -</b>	Placa de Identificação do Instituto Cultural José Mendonça Teles	23
<b>FIGURA 5 -</b>	Livro Acervo José Mendonça Teles	23
<b>FIGURA 6 -</b>	Livro Acervo José Mendonça Teles	24
<b>FIGURA 7 -</b>	Estantes de Livros Raros da Coleção de José Mendonça Teles	24
<b>FIGURA 8 -</b>	Livro Acervo IHGG	25
<b>FIGURA 9 -</b>	Fachada Instituto Histórico e Geográfico de Goiás	26
<b>FIGURA 10 -</b>	Antônio César Caldas Pinheiro	28
<b>FIGURA 11 -</b>	Geraldo Coelho Vaz	29
<b>FIGURA 12 -</b>	Heleno Godoi	30
<b>FIGURA 13 -</b>	Iúri Rincon Godinho	31
<b>FIGURA 14 -</b>	Miguel Jorge	32

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>A.C</b>	Antes de Cristo
<b>IHGG</b>	Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
<b>IPEHBC</b>	Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central
<b>PUC/GO</b>	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
<b>T.O.C</b>	Transtorno Obsessivo Compulsivo
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 PROBLEMÁTICA.....	11
1.2 OBJETIVO GERAL .....	11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.4 JUSTIFICATIVA.....	12
<b>2 HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO DA BIBLIOFILIA .....</b>	<b>13</b>
2.1 CONCEITOS DE OBRAS RARAS: DIVERGÊNCIAS ENTRE BIBLIÓFILOS E BIBLIOTECÁRIOS .....	14
2.2 COLECIONISMO.....	16
2.3 PRINCIPAIS BIBLIÓFILOS BRASILEIROS E SUAS COLEÇÕES.....	18
2.3.1 Rubens Borba Alves de Moraes .....	19
2.3.2 José Mindlin.....	20
2.4 ASSOCIAÇÕES DE BIBLIÓFILOS NO BRASIL.....	21
2.5 BIBLIOFILIA NOS SEBOS DE GOIÂNIA.....	26
<b>3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>28</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>29</b>
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	29
4.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS .....	34
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ANTÔNIO CÉSAR CALDAS .....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE C - ENTREVISTA COM GERALDO COELHO VAZ .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA COM HELENO GODOI.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE E - ENTREVISTA COM IÚRY RICON GODINHO .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE F - ENTREVISTA COM MIGUEL JORGE.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de colecionar é uma necessidade humana, sendo uma forma de se extravasar sentimentos, vontades, ou como passatempo e até mesmo para o trabalho. É uma prática antiga, nomeada nos dias de hoje como *hobby*.

Muitos são os objetos alvos de colecionadores, estando os livros entre eles. Nomeia-se então o colecionismo de livros como bibliofilia. Livros considerados raros, primeiras edições e até mesmo a sua procura são características que ditam quais obras são dignas de bibliófilos.

Antes mesmo dos tempos da Biblioteca de Alexandria, este tipo de colecionismo já se fazia presente na Assíria com o rei que colecionava tabletes de barro. É uma prática antiga, bem como seu objeto principal, o livro, que já passou por vários suportes ao longo do tempo, desde os tabletes de barro, papiros, pergaminhos, as folhas de papel celulose aos formatos eletrônicos.

Essa prática, porém, não considera qualquer tipo de livro como já mencionado, os livros devem ser considerados raros, de primeira edição, com particularidades e considerações acerca do exemplar, seguindo, portanto critérios importantes para a bibliofilia.

Quanto ao colecionismo em si, uma prática comum entre os seres humanos, possui vários alvos como selos, cartões, papéis de carta, moedas, entre outros. Mas esse passatempo pode vir a se tornar algo nocivo, uma doença. O Transtorno Obsessivo Compulsivo em colecionar é mais comum do que se imagina, mostrando assim o outro lado desse *hobby*. Mas apesar desse lado perigoso do colecionismo, a bibliofilia contribui significativamente, bem como qualquer outro tipo de colecionismo, com a preservação da história e do patrimônio da humanidade, deixando assim legados, crenças e, o mais importante, conhecimento para as gerações futuras.

Pouco se sabe sobre bibliofilia e bibliófilos em Goiânia, se existem, como se organizam, como montam seu acervo, de que maneira conseguem novos livros e/ou coleções, o que os atrai mais e se possuem redes de contato ou associações entre eles. Entender um pouco mais sobre essa prática que tanto contribui para a sociedade no geral, bem como conhecer seus adeptos é, portanto, de grande interesse da autora.

E é exatamente este o objetivo deste trabalho: entender esse tipo de colecionismo na cidade de Goiânia, os principais bibliófilos e suas coleções, características, enfim, e aprender um pouco mais sobre o mundo da bibliofilia local, através de entrevistas com cinco

coleccionadores goianos, o jornalista e escritor Iúry Rincon Godinho, o advogado e também escritor, Geraldo Coelho Vaz; Antônio César Caldas, historiador, escritor e arquivista; o escritor Miguel Jorge e o professor Heleno Godoi.

Neste trabalho apresenta-se necessariamente uma pesquisa bibliográfica sobre a bibliofilia, sua história, origem, conceituação e principais protagonistas no Brasil, bem como sobre suas coleções e contribuições para a prática do colecionismo de livros raros no país.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

Existem bibliófilos em Goiânia? Como se organizam, como montam seus acervos, de que maneira conseguem novos livros e/ou coleções, o que os atrai mais e possuem uma associação ou grupo para contato.

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Investigar a existência de bibliófilos em Goiânia, suas características e comportamentos como colecionadores de livros, de modo a entender como montam seus acervos e se organizam em grupos ou algum tipo de associação.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a existência de Bibliófilos em Goiânia;
- Compreender as principais características, comportamentos e o que atrai mais os Bibliófilos goianos;
- Compreender as formas utilizadas para a estruturação de suas coleções;
- Verificar se existem relações e redes de contatos entre os bibliófilos goianos;
- Observar quais aspectos tornam um livro raro;
- Identificar a existência de livros goianos raros;
- Verificar quais os tipos e categorias mais comuns de livros raros (história, literatura, religião, etc.);
- Observar quais os cuidados os colecionadores adotam para a preservação dos livros, especialmente os raros;
- Perceber qual o papel da internet na busca por livros raros;

- Identificar o impacto dos livros eletrônicos em relação aos raros.

#### 1.4 JUSTIFICATIVA

Pouco ou quase nada se sabe sobre a bibliofilia em Goiânia, prática essa que como Rubens Borba de Moraes (2005, p. 18) explica, não é apenas um passatempo, mas uma forma de manter e preservar a história: “A bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um *hobby* inocente, um emprego de capital para alguns espertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência”.

Assim sendo, o assunto se tornou interessante uma vez que não era do conhecimento da autora, despertado a curiosidade. Ao buscar sobre o tema e perceber que a prática da bibliofilia era mais antiga do que se imaginava surge a necessidade de pesquisar mais sobre o tema, a fim de que se entenda melhor a bibliofilia em Goiânia.

Como escreve Amaral (2010, p. 14), “Bibliófilos, aqueles que amam os livros, colecionam livros raros, formaram bibliotecas preciosas que ajudam na preservação do conhecimento.”.

Toda prática tem seu praticante, e a pesquisa em questão não poderia deixar de abordar o perfil dos dois bibliófilos brasileiros mais conhecidos, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin, além de procurar conhecer mais sobre os bibliófilos goianos, seus hábitos e maneira de lidar com a leitura e com o objeto livro em si.

## 2 HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO DA BIBLIOFILIA

A palavra bibliofilia vem do grego *biblion* (que quer dizer livro) e *philia* (amor). Tem-se notícias de bibliofilia desde antes da biblioteca de Alexandria, com o rei da Assíria, Assurbanípal (668 – 627 a.C.), na cidade de Nínive. O rei assírio, apesar da fama de ser violento, demonstrava interesse em colecionar tabletes de barro com escrita cuneiforme. Sua biblioteca possuía cerca de 30 mil desses tabletes. Assurbanípal “mandava seus emissários procurarem por todo seu império, tijolos escritos que eram encaminhados à biblioteca de Nínive.” (AMARAL, 2010, p. 13).

O livro nem sempre teve o formato que conhecemos hoje, passou pelos já mencionados tabletes de barro a rolos de papiros, por pergaminhos ao papel de hoje e, por fim, os formatos eletrônicos. Mas apesar de todos os tipos de suporte pelos quais os livros passaram o colecionismo sempre existiu. Na Idade Média, como exemplo, os livros manuscritos, geralmente com trabalhos artísticos, eram considerados raros, primeiro por serem caros, uma vez que seu processo de produção era trabalhoso e demorado, mas o que os tornavam raros era principalmente o fato de serem objetos únicos, como explica Knychala (1983, p. 13):

Na Idade Média, com o apogeu artístico do livro manuscrito, somente um grupo de privilegiados podia possuí-lo, devido à sua raridade e seu alto preço. O alto preço decorria da soma de trabalho que ele exigia na sua feitura, considerando-se os fatores tempo e dotes artísticos e, a raridade, do fato de que só existia um único exemplar, já que, das suas cópias que se tiravam, nenhuma era igual à outra, cada uma se constituindo em trabalho original.

No entanto a bibliofilia não é um mero colecionismo. No Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008), temos bibliofilia definida como “Gosto, paixão pelos livros raros e preciosos”; e define também o bibliófilo como “que tem amor a livros”. Um bibliófilo não coleciona qualquer obra. Eles seguem critérios, são cuidadosos. Como anota Moraes (2005, p.20), “Nunca um bom colecionador deve ir comprando o que lhe agrada no momento”.

A coleção de um bibliófilo deve, portanto, conter obras raras, consideradas extintas; obras de primeira edição ou com anotações; enfim, sua coleção é única, é rica, não somente no sentido financeiro, mas também no cultural.

Ainda sobre o aspecto financeiro, Moraes (2005, p. 21) explica: “Não se deve colecionar com o intuito de ganhar dinheiro. Comprar livros com a intenção de vendê-los mais tarde com lucro não é próprio de bibliófilo, mas de livreiros.”. Portanto o verdadeiro

bibliófilo não entende os livros como os livreiros o fazem. Os livros não são para vender, e sim para serem guardados, zelados, colecionados. Aqueles que se dizem bibliófilos compram os livros para completar suas coleções, não o fazem pensando em lucros futuramente.

## 2.1 CONCEITOS DE OBRAS RARAS: DIVERGÊNCIAS ENTRE BIBLIÓFILOS E BIBLIOTECÁRIOS

A biblioteca de um bibliófilo possui características próprias, que conectam o dono ao seu acervo. Os livros que compõem o acervo de um bibliófilo não são escolhidos ao acaso, tem uma razão de ser. São obras raras e normalmente os bibliófilos se apegam a certos aspectos que os tornam objetos de seu interesse.

Moraes (2005, p.20) em seu livro *O Bibliófilo Aprendiz*, explica que vários livros de diversos assuntos são publicados todos os anos, sendo, portanto necessário que se faça uma escolha do gênero e assunto que se quer colecionar. E não pode ser qualquer gênero, deve-se escolher um assunto do qual goste, se identifique e mais entenda. Também ajuda escolher por determinado autor, assim a coleção terá um rumo, será mais completa e precisa. Mas tendo sempre o cuidado de não escolher um assunto muito extenso ou um autor que possui muitas obras editadas, pois isso provavelmente dificultaria na formação da coleção. Deve-se ter cuidado também para não ambicionar livros muito caros. Estes podem ser difíceis de adquirir.

Em *Uma Vida Entre Livros*, Mindlin (1997, p. 29) deixa claro que um livro pode ser considerado raro por sua procura no mercado. Um livro há anos cobiçado pode sim ser considerado raro. Primeiras edições também são consideradas obras raras, justamente por serem difíceis de encontrar. Moraes explica que “a ciência de colecionar consiste em saber quais livros estão desaparecendo e em comprá-los na hora certa” (2005, p. 27).

Livros com certas particularidades também fazem parte dessa definição, livros que possuem dedicatórias ou erros de impressão, por exemplo. “Basicamente, todo livro que se procura, e não se consegue encontrar, é raro – essa poderia ser a mais fácil das definições [...]. Às vezes um erro na edição pode fazer de um livro comum uma grande raridade.” (MINDLIN, 1997, p. 29).

Entre os bibliófilos o estado de conservação de um exemplar é considerado também como fator que determina a raridade ou não. O livro precisa estar em perfeitas condições de conservação, como escreve Sant'Ana (2001, p. 3):

A importância maior de uma obra recai, para estes colecionadores, no objeto livro, que deve ser único ou existir em perfeitas condições de conservação. Isto significa manter, mesmo quando encadernado, a capa da brochura original, com o texto íntegro, sem falhas, e com as páginas limpas, sem manchas e furos devido a ação de insetos ou do tempo. Quanto mais perfeito estiver o exemplar, mais valor ele alcançará no mercado livreiro.

Livros com alto valor no mercado também são considerados pelos bibliófilos como raros, justamente por sua dificuldade em se adquirir. Acidentes que podem ter sofrido um exemplar, como por exemplo, um incêndio, também torna a obra digna de raridade. “Para os colecionadores, são por vezes pequenos fatores acidentais que na verdade criam os livros raros, fazendo com que obras que poderiam ser consideradas comuns venham a ser muito procuradas, pela dificuldade de localização dos exemplares.” (SANT'ANA, 2001, p. 2).

Como já mencionado, Mindlin (1997, p.29) escreve que “um livro pode ser considerado raro por ser difícil de encontrar no mercado”, além de outros fatores tais como particularidades do exemplar e o estado de conservação.

Mas existem divergências entre a conceituação de obra rara entre os bibliófilos e bibliotecários. Como anota Borba (2005, p. 67) “um livro não é valioso porque é antigo, e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém [...]. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que o torna valioso”.

De acordo com site da Biblioteca Nacional, para ser obra rara, além do status cronológico, “é preciso ser único, inédito, fazer parte de alguma edição especial, apresentar uma encadernação de luxo ou, até mesmo, ter o autógrafo de personalidades célebres [...]”.

Como explica Amaral *apud* Pinheiro (1989, p. 29), para os bibliotecários existem alguns parâmetros para a indicação de obra rara, mas que podem ser adaptados à realidade de cada biblioteca, sendo eles limite histórico, aspectos bibliológicos, valor cultural, pesquisa bibliográfica e características do exemplar. Ainda conforme esses autores, o limite histórico quer dizer toda a produção artesanal de impressos (século XV até antes de 1801), e no Brasil, século XIX, com a criação da Imprensa Régia.

Mas conforme explica Sant'Ana (2001, p. 5), os bibliotecários não se prendem às mesmas formas de conceituação de livros raros que os bibliófilos. Para eles, o livro não está desvalorizado só por estar em mau estado de conservação, consideram primeiro o fator

cronológico, ou seja, quanto mais antigo, mais raro. Para os bibliotecários a forma como o livro foi produzido, “independente da quantidade de exemplares ou de seu valor no mercado” é que torna o livro raro, sendo estes produzidos artesanalmente ou possuindo “gravuras originais assinadas pelos autores” (SANT’ANA, 2001, p. 5 e 6).

Enfim, divergências entre bibliófilos e bibliotecários existem e deverão sempre existir, mas para ambas as partes, a conservação de um patrimônio público e histórico, no caso o livro raro, é de suma importância, se fazendo um dos principais objetivos de suas coleções.

## 2.2 COLECIONISMO

O ato de colecionar é algo “tão antigo quanto a consciência humana”. Na busca por manter o sentido de permanência na vida do homem, o mesmo passa a “discriminar, ordenar e classificar os objetos [...], e aí, talvez, se tenha a primeira noção de uma coleção, mais propriamente dita, no sentido como se conhece hoje”. (LOPES, 2010, p. 378).

Nesse sentido, é possível entender que, através do colecionismo, a história é preservada conforme passa o tempo. É por exemplo a finalidade dos museus, que mantêm coleções e peças de valor cultural para preservar a história da humanidade, como reforça Lopes (2010, p. 379), “as pessoas colecionam para se civilizar”.

Este ato de colecionar é uma prática inerente ao homem. Mais que um passatempo, um *hobby*, é uma forma de extravasar. Existem vários objetos alvos de colecionadores, como canetas, figurinhas, moedas, selos, carros, quinquilharias, utensílios, ferramentas, entre outros. Os livros também são objetos de colecionadores, e sendo o ato de colecionar uma forma de preservar a história, mais do que qualquer outro objeto alvo de colecionadores, os livros exercem de forma eficiente essa função, como explica Cavedon (2007, p. 345 *apud* Rouveyre, 2003, p. 15):

O livro é uma obra escrita por qualquer pessoa esclarecida sobre qualquer assunto de ciência, para instrução e entretenimento do leitor. Pode-se ainda definir um livro como sendo obra de um homem de letras, coligida para comunicar ao público e à posteridade tudo quanto o autor possa ter inventado, visto, experimentado e compilado, devendo constituir material considerável para encerrar-se num volume.

Os colecionadores de livros considerados raros são os bibliófilos, que possuem com os livros uma relação distinta, disciplinada, quase que compulsiva, como explica Mindlin (1997, p. 15):

O livro exerce uma atração multiforme, que vai além da leitura, embora seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. Conseguindo o conjunto, que sempre se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração pelo livro como objeto, e também como objeto da arte, em que entra a qualidade da projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí surge a busca da raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que pensava em ser na vida apenas um leitor metódico, está irremediavelmente perdido. Sua relação com o livro passa a ter dimensão quase patológica, pois a compulsão de possuí-lo é mais ou menos irresistível (mais *mais* do que *menos*).

Os bibliófilos entendem que para ser considerada de fato uma verdadeira coleção de livros raros ela precisa ser homogênea, ou seja, saber sobre o que se quer colecionar. A coleção tem que ter um norte, uma forma de ser, ou do contrário seriam apenas vários livros sobre vários assuntos juntos em estantes. Sobre isso, Moraes (2005, p. 27) opina:

Na minha opinião, o que é digno de se admirar é um conjunto de livros homogêneo. [...] A existência de livros raros no meio de uma porção de outros, sobre assuntos inteiramente diferentes, faz a gente lembrar muito mais o que falta na coleção do que aquilo que existe. Colecionar não é juntar livros. O que é difícil, o que torna a bibliofilia um divertimento, um *hobby* apaixonante, é justamente a procura do que lhe falta.

Mas muito mais do que uma forma de passar o tempo, o colecionismo pode também ser considerado como doença. O Transtorno Obsessivo Compulsivo em colecionar é quando a pessoa coleciona compulsoriamente, sem limites e sem parâmetros, muitas vezes pra compensar alguma falta ou necessidade, como explicam Ferrão e Florão (2010, p. 34):

O transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) abrange um amplo espectro de sintomas que representam múltiplos domínios psicopatológicos, incluindo percepções, cognições, emoções, relacionamentos sociais e diversos comportamentos motores. As obsessões são definidas como ideias, pensamentos, impulsos ou imagens que são vivenciados como intrusivos e inadequados e causam acentuada ansiedade ou sofrimento; enquanto as compulsões são comportamentos repetitivos ou atos mentais cujo objetivo é prevenir ou reduzir a ansiedade ou sofrimento, em vez de oferecer prazer ou gratificação; geralmente ou são excessivas ou não têm conexão realista com aquilo que visam neutralizar ou evitar. Os conteúdos das obsessões são vários, por exemplo: obsessões de contaminação, dúvidas repetidas, necessidade de organização, impulsos agressivos ou horrorizantes e imagens sexuais. Exemplos de compulsões são: lavagem ou limpeza, verificação, contagem, colecionismo, simetria, entre outros.

Sobre este aspecto do colecionismo, Moraes (2005, p. 19) afirma:

Não resta dúvida que o dom de colecionar é uma compensação para algum complexo. Em muitos casos é simplesmente um complexo de fuga, uma “Passárgada” que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos frustrados ou simplesmente uma mulher tagarela. Compensá-los, escrevendo poemas, pintando, esculpindo ou colecionando ainda é a melhor terapêutica que pode haver.

Oliveira e Wielenska (2008, p. 27) ainda completam que “no colecionismo patológico (CP) verifica-se que a coleta, ordenação e disposição de objetos constituintes da coleção ocorrem sem que o indivíduo tenha claro entendimento dos motivos de seu comportamento, com pouco ou nenhum controle sobre o comportamento de colecionar.”

Assim, muito mais do que uma forma tranquila de passar o tempo, o colecionismo pode vir a ter aspectos patológicos. Mas o colecionismo tratado neste trabalho, o de livros raros, é apresentado por seus praticantes como sendo algo prazeroso, disciplinado, e apesar de ser tão compulsivo quanto, não é nada parecido com o colecionismo patológico, doentio e confuso daqueles que não tem controle das coisas que vão juntando, e nem mesmo limites.

### 2.3 PRINCIPAIS BIBLIÓFILOS BRASILEIROS E SUAS COLEÇÕES

No Brasil existem dois grandes bibliófilos, já falecidos, como referência: Rubens Borba Alves de Moraes<sup>1</sup> e José Mindlin<sup>2</sup>. Ambos contribuíram de forma significativa para a prática da bibliofilia no país, cada um com suas riquíssimas coleções e suas publicações - *O Bibliófilo Aprendiz*, de Rubens Borba Alves de Moraes, e *Uma Vida Entre Livros*, de José Mindlin.

---

<sup>1</sup> Fonte: Disponível em:

<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biografias\\_texto&cd\\_item=35&cd\\_verbete=5751](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_item=35&cd_verbete=5751)>.

<sup>2</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4346&sid=546>>.

### 2.3.1 Rubens Borba Alves de Moraes

**Figura 1– Rubens Borba de Moraes.**



Fonte: *Google* Imagens.

Nasceu no dia 23 de janeiro de 1899, em Araquara, São Paulo. Era bibliófilo, bibliotecário, bibliógrafo ensaísta e também atuou na política.

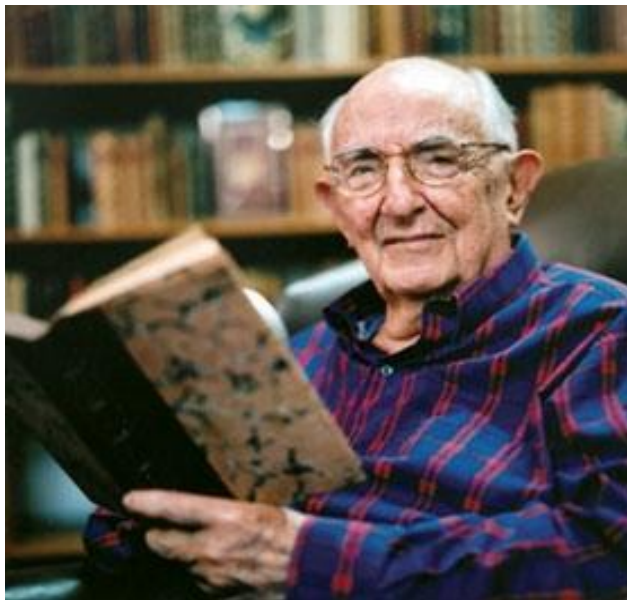
Graduou-se em Letras pela Universidade de Genebra em 1919, publicou seu primeiro livro de ensaios, *Domingo dos Séculos*, em 1924. Ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de 1935 a 1943. Foi professor e organizador do curso de Biblioteconomia da USP, cargo que ajudou na organização e documentação do acervo do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Foi Fundador da Associação Paulista de Bibliotecários.

Em 1939 ganhou a bolsa da Fundação Rockefeller para estudar Biblioteconomia nos Estados Unidos. Ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, de 1945 a 1947. Foi vice-diretor da Biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, entre 1948 a 1949, e em 1954 foi nomeado diretor do Centro de Informações da ONU. Voltou à Nova York como diretor da Biblioteca da ONU e em 1959, foi aposentado compulsoriamente.

Atuou como professor na Universidade de Brasília entre 1963 e 1970. Morreu aos 87 anos, em 1986, deixando sua biblioteca para o amigo e também bibliófilo, José Mindlin. Sua contribuição para a bibliofilia no Brasil foi grande, sendo o autor do livro *O Bibliófilo Aprendiz*, espécie de manual com suas experiências como amante dos livros, que explica, dá dicas e ainda incentiva a prática da bibliofilia.

### 2.3.2 José Mindlin

**Figura 2 – José Mindlin**



Fonte: *Google Imagens*.

José Mindlin nasceu em São Paulo capital, no dia 8 de setembro de 1914. Era bibliófilo, editor, empresário e advogado. Foi repórter do jornal Estado de São Paulo. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e atuou na área por quinze anos. Tornou-se empresário de uma fábrica de pistões, a Metal Leve, em 1950. Foi dono da livraria de obras raras Parthenon e exerceu vários cargos políticos. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2006. Faleceu em 2010, aos 96 anos. Sua biblioteca particular é a maior da América Latina, com 30 mil volumes, grande parte raríssima. Mindlin doou parte de sua biblioteca (a parte chamada Brasiliana, que possui obras apenas sobre o Brasil) para a USP em maio de 2006. Esse acervo é composto de aproximadamente 17.000 títulos, com obras da literatura brasileira e portuguesa, livros científicos e didáticos, manuscritos históricos e literários, periódicos, relatos de viajantes, entre outros. A única exigência de Mindlin era que sua biblioteca permanecesse indivisível. Hoje, a parte do acervo doada à USP se encontra digitalizada, como parte do projeto, oferecendo ao público em geral acesso ao acervo pela página na web Brasiliana Digital.

Esses dois grandes bibliófilos brasileiros, com todos os seus feitos, servem ainda nos dias de hoje como exemplos para todos aqueles que pretendem se aventurar nesse mundo encantador que é a bibliofilia. Suas coleções preservam patrimônios históricos e culturais para as gerações futuras, honrando assim a prática da bibliofilia no país.

## 2.4 ASSOCIAÇÕES DE BIBLIÓFILOS NO BRASIL

A prática do colecionismo de livros não é um *hobby* de poucos, muito pelo contrário. Esse interesse em comum, bem como em outras áreas, leva naturalmente as pessoas envolvidas a se organizarem em grupos, a fim de trocarem experiências e manterem, juntas o interesse que possuem em comum, nesse caso, livros. O objetivo do grupo, ou associação, é geralmente reimprimir obras raras, “significativos para a literatura nacional, que marcaram uma determinada época.” (COSTA, 2009), tudo de forma artesanal, a partir da primeira edição do original.

A primeira Associação de Bibliófilos de que se tem notícia no Brasil foi a Sociedade dos *Cem Bibliófilos do Brasil*, na cidade do Rio de Janeiro, fundada por Raymundo Ottoni de Castro Maia, em 1943, e tinha como membros pessoas conhecidas como José Mindlin, Mário de Andrade, Machado de Assis, Olavo Bilac, Jorge Amado, entre outros. O número *cem* no título era o máximo de membros, e “chegavam a imprimir 120 obras, uma para cada membro e as outras eram enviadas para outras bibliotecas nacionais, como de Lisboa e de Paris, de acordo com Barrias (2008, p. 787 *apud* COSTA, 2009). O primeiro livro dessa associação foi *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1944.

José Augusto Bezerra, bibliófilo cearense, fundou em 1987 a Associação Brasileira de Bibliófilos. Bezerra, que é dono da maior biblioteca particular do Ceará, foi quem relacionou as seis leis<sup>3</sup> da bibliofilia, sendo elas:

1. O livro é o melhor amigo do homem;
2. Embora diferente de nós, possuem corpo e alma;
3. Livros manuseados não pegam mofo nem traças;
4. Se lhe dermos atenção como a um amigo, iremos sonhar juntos, aprender e crescer;
5. Os que leem, portanto vivem mais, com mais qualidade de vida;
6. Se um amigo é um tesouro, conservar os livros é o melhor investimento, material e espiritual.

---

<sup>3</sup>Leis da bibliofilia. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/intercomnucleoproducaoeditorial/>>.

Existe ainda um grupo mais recente de bibliófilos, a *Confraria dos Bibliófilos do Brasil*, fundada por José Salles Neto em 1995, e dentre seus membros constavam Marco Maciel, na época vice-presidente da República, José Mindlin, o ator Paulo Betti e o ex-banqueiro José Safra, conforme Moreira (2008 apud COSTA, 2009).

Todos esses grupos e associações, com seus membros muitas vezes famosos, cada um à sua maneira, contribuíram e continuam contribuindo com a prática da bibliofilia no Brasil, deixando suas obras como referência para outros possíveis grupos de bibliófilos que surgirem.

Em Goiânia existem Instituições que acreditam que as coleções, especialmente as de livros raros, tem sua importância para a sociedade e que entendem a necessidade em preservá-las. É o caso do Instituto Cultural José Mendonça Teles, do próprio escritor, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), presidido pelo também escritor Coelho Vaz e o Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central da PUC/GO (IPEHBC – PUC/GO), cujo diretor é o historiador Antônio César Caldas. O interesse maior dessas Instituições é preservar, divulgar e manter as obras e coleções (entre elas as consideradas raras) para a sociedade e suas gerações futuras. Essas Instituições valem ser lembradas justamente pelo papel que possuem enquanto guardiãs do patrimônio goiano em questão, no caso os livros raros goianos.

A figura a seguir é um convite da I Exposição de Livros Raros realizada pelo Instituto de Pesquisas e Estudos do Brasil Central – IPEHBC:

**Figura 3 – Convite I Exposição de Livros Raros do IPEHBC – PUC/GO**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

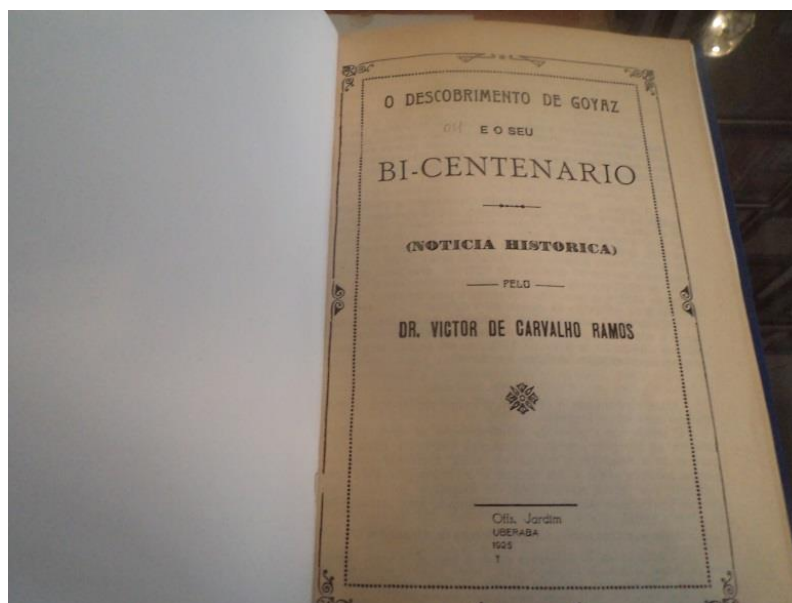
A partir da visita ao Instituto Cultural José Mendonça Teles, situado na rua 24, no setor Central de Goiânia, foi possível conhecer as principais obras raras que lá são preservadas. A seguir as fotos da fachada do Instituto e de algumas raridades que lá existem:

**Figura 4 – Placa de Identificação do Instituto Cultural José Mendonça Teles**



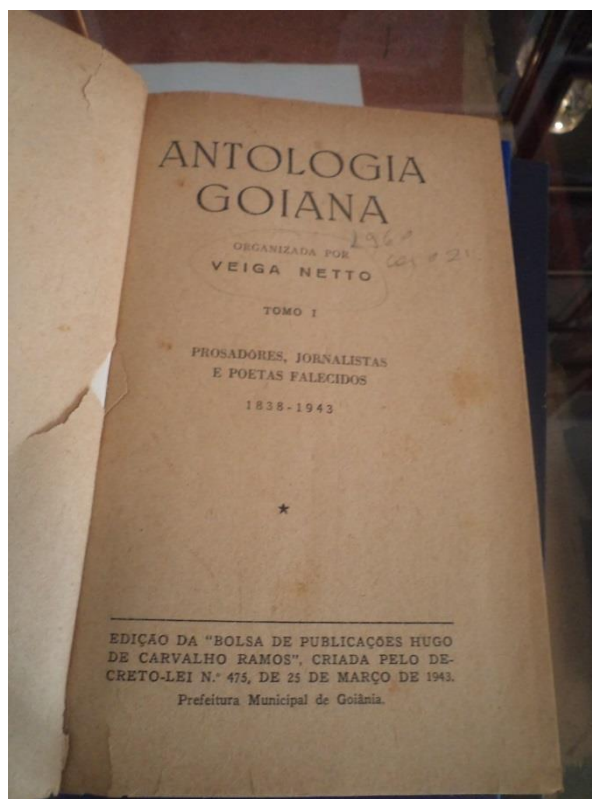
Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

**Figura 5 – Livro Acervo José Mendonça Teles**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

**Figura 6– Livro Acervo José Mendonça Teles**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

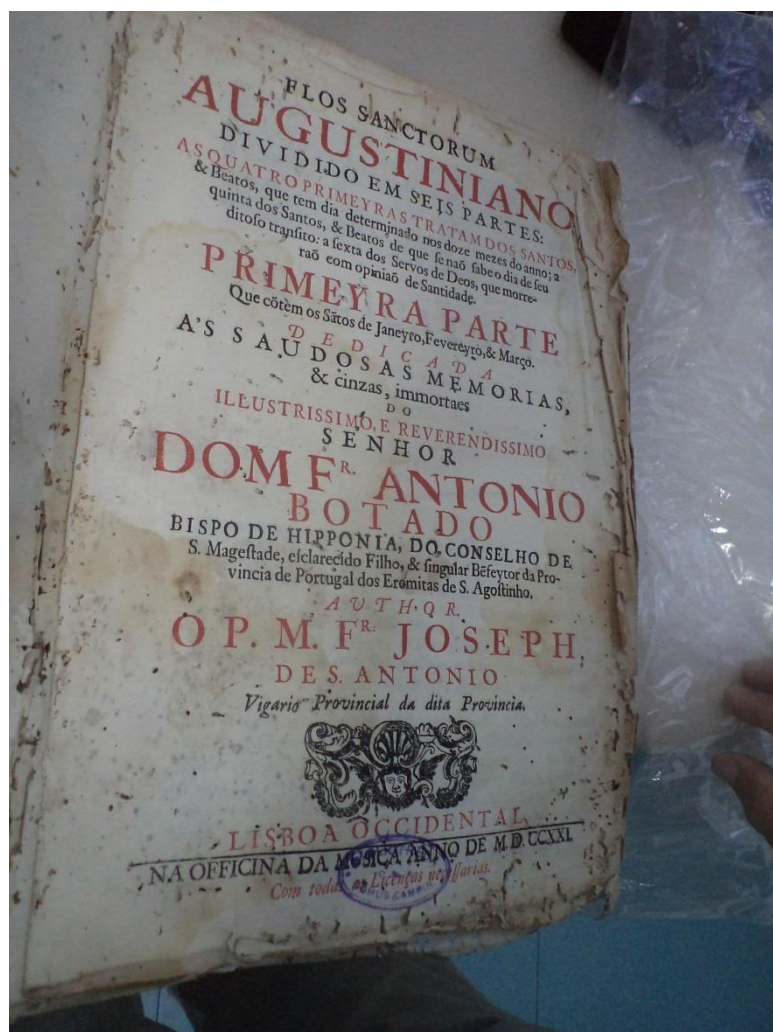
**Figura 7– Estantes de livros raros da coleção de José Mendonça Teles**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

Por estar em reforma, o acesso ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – IHGG, não foi possível, mas o presidente Geraldo Coelho Vaz atenciosamente disponibilizou para foto o livro, que na opinião do mesmo, é a maior raridade que possui. Mais em baixo a foto da fachada do IHGG, situado na Praça Cívica, setor Central de Goiânia:

**Figura 8 – Livro Acervo IHGG**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

Figura 9 – Fachada Instituto Histórico e Geográfico de Goiás



Fonte: Google Imagens

## 2.5 BIBLIOFILIA NOS SEBOS DE GOIÂNIA

Como muitos já sabem, os sebos são aqueles lugares mágicos, onde encontramos vários livros que há muito se achavam perdidos, livros antigos, raros, e sempre a preços camaradas. Os primeiros sebos surgiram no Rio de Janeiro, como explica o livreiro Alexandre Obelins (DELGADO, 1999, p. 50):

Foi no Rio de Janeiro que surgiram as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão. Era uma novidade no País e quando eles pegavam os exemplares, diziam que estavam ensebados.

Silva (2002, p. 168 *apud* MACHADO, 2000, p.20), ainda completa:

O primeiro proprietário de um estabelecimento desse tipo no Brasil, Albin Jordan, era francês e sua loja chamava-se *A Casa do Livro Azul*, inaugurada em 1828. Localizava-se na rua do Ouvidor, importante via do Rio de Janeiro. A loja encerrou suas atividades em 1852, logo após a morte de senhor Jordan. Apenas na década de 50 foi inaugurada outra loja de livros usados [...]. A partir de então, várias livrarias foram abertas no Brasil, estando algumas abertas até hoje, enquanto outras sucumbiram aos problemas imobiliários ou financeiros.

Os sebos são como explica Silva (2002, p. 170), lugares que preservam o saber antigo, bem como os caminhos que esse saber, no caso o próprio livro, trilhou, se fora um livro muito procurado, muito utilizado, a partir de sua preservação:

Os “sebos” não devem ser concebidos apenas como lugar aonde se encontram livros usados ou esgotados a um preço mais acessível. O sebo também guarda as reminiscências de um saber mais antigo explicitados na maneira como esse saber era adquirido e igualmente preservado. O método, o estilo, o título, a dedicatória, o prefácio, os índices, o sumário, o formato, a disposição e a organização das letras e todas as estruturas que influenciaram na concepção de um livro têm um significado.

Para o bibliófilo, os sebos são lugares perfeitos para a busca de livros raros. Muitos mantêm contato com os sebistas de suas cidades, a fim de garimpar os livros raros para completar suas coleções. Sobre essa relação entre os dois, Moraes explica: “Existe entre livreiro e colecionador um denominador comum: o amor aos livros. Ambos acabam amigos, embora um viva à custa do outro. Um bom livreiro é o melhor guia que pode ter um colecionador. A recíproca é verdadeira”.

Silva (2002, p. 173) ainda comenta que Mindlin, com mais de 70 anos dedicados à arte em colecionar livros raros, adquiriu muitos de seus livros em sebos e antiquários de livros no país e no exterior.

Já em Goiânia essa relação parece não existir. Nos principais sebos de Goiânia, localizados nas ruas três e quatro do Centro da cidade, ao serem visitados e questionados sobre a possível existência de bibliófilos, os proprietários e funcionários dos mesmos sequer souberam o que seriam bibliófilos, e quando explicado que seriam aqueles que colecionam livros raros, disseram não possuir contanto ou saber da existência deles. Patrícia Martins, da Livraria Le Cuoco, que coordenou a publicação do o Guia dos Sebos de Goiânia, respondeu que entre os sebistas e seus clientes seria difícil encontrar bibliófilos.

### 3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão é classificada como qualitativa, por possuir caráter descritivo e enfoque indutivo, com o objetivo de descrever características dos bibliófilos e da prática da bibliofilia em Goiânia. Conforme Neves (1996 apud MAANEN, 1979, p. 520):

A expressão ‘pesquisa qualitativa’ assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

A mesma é considerada não probabilística, por ser baseada apenas no espaço de Goiânia e com apenas cinco bibliófilos, não podendo portanto, generalizar os resultados obtidos nesta para o possível restante de bibliófilos existentes em Goiânia ou do país.

Para coleta dos dados necessários para esta pesquisa foi realizado um levantamento simplificado através de entrevistas com dois bibliófilos de Goiânia, além de ser feita uma pesquisa bibliográfica para fundamentar os dados coletados nas entrevistas, como discorre Amaral (2007, p. 1): “A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho”.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico serão apresentados resultados e discussões tirados a partir de entrevistas com colecionadores de livros goianos: Antônio César Caldas Pinheiro, Geraldo Coelho Vaz, Heleno Godoi, Iúri Ricon Godinho e Miguel Jorge. Através das análises das entrevistas será possível saber se estes se encaixam e se consideram bibliófilos; a existência ou não da bibliofilia em Goiânia, bem como um pouco da história sobre os grupos de bibliófilos no Brasil e se existem em Goiânia, além de informações sobre suas coleções e motivações.

### 4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

#### **Antônio César Caldas<sup>4</sup>**

Nasceu em Itaberaí, Goiás, no dia 29 de julho de 1967. Em 1989, formou-se bacharel em Direito pela UFG, em 2003 tornou-se mestre em História também pela UFG e atualmente é doutorando em Documentação pela Universidade de Salamanca, Espanha.

Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Tronco e Vergontas – Genealogia* (2ª ed. em 2002); *Os Tempos Místicos das Cidades Goianas: Mitos de Origem e Invenção de Tradições* (2010); *Diário do Barão de Mossamedes*; *Estórias e Sonhos – Poesia*; *Amor e Tempo: Confissões da Existência – Poesias*.

**Figura 10 – Antônio César Caldas**



Fonte: IPEHBC

---

<sup>4</sup> Fonte: Entrevistado.

## Geraldo Coelho Vaz<sup>5</sup>

Nasceu em Goiânia, no dia 24 de setembro de 1940, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Goiás, foi professor de Direito Penal e Processual Penal na Escola dos Oficiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, repórter da *Folha de Goyaz*, Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás, secretário de Cultura do Estado, um dos fundadores do Grupo de Escritores Novos (GEN) e fundou os jornais *A voz do Escritor*, *Mutirão Cultural* e *Painel Cultural*. Já presidiu a Academia Goiana de Letras, onde é membro e cuja posse tomou em 13 de agosto de 1987. Hoje é Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás.

Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Vultos Catalanos* (antologia), 1959; *Poemas da Ascensão* (poemas), 1963; *Senador Canedo – Vida e Obra* (pesquisa histórica), 2004; *Coelho Vaz – Poemas Reunidos* (poemas) 2004 e *Seleção Acadêmica* (antologia), 2005.

**Figura 11 – Geraldo Coelho Vaz**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

---

<sup>5</sup> Fonte: Disponível em: <<http://academiagoianadeletras.org/membro/geraldo-coelho-vaz/>>.

## **Heleno Godoi<sup>6</sup>**

Nascido em Goiatuba, no dia 31 de março de 1946. É professor titular de Literatura Inglesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e, desde 1976, professor adjunto de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa da PUC-GO.

É membro da União Brasileira dos Escritores desde 1968; Membro e sócio fundador da Associação Brasileira de Crítica Literária, no Rio de Janeiro, desde 1986; membro do Conselho Editorial da revista *ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies*, em São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Irlandeses, desde 1999.

**Figura 12 – Heleno Godoi**



Fonte: Google Imagens

## **Iuri Rincon Godinho<sup>7</sup>**

Nascido em Goiânia, no dia 01 de junho de 1964. Escritor, administrador e jornalista formado em 1985, pela Universidade Federal de Goiás; fundador e diretor da agência Contato Veículos de Comunicação; membro da União Brasileira de Escritores de Goiás, da Associação Goiana de Imprensa, da Associação das Empresas de Publicidade do

---

<sup>6</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.letras.ufg.br/pages/1944>>.

<sup>7</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.academiagoianiense.org.br/index.php/iuri-rincon-godinho>>.

Estado de Goiás, da Academia Goianiense de Letras, além de outras entidades sociais, culturais e de classe. Publicou, entre outros, *Médicos e Medicina em Goiás – Do século XVIII aos dias de hoje*.

**Figura 13 – Iúri Rincon Godinho**



Fonte: Foto tirada pela autora, 2013.

## Miguel Jorge<sup>8</sup>

Nascido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 16 de maio de 1933, é formado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de Minas Gerais, bacharel em Direito e em Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás. Participou do Grupo de Escritores Novos (GEN), presidiu duas vezes a União Brasileira de Escritores de Goiás e o Conselho Estadual de Cultura, além de ser membro da Academia Goiana de Letras.

Publicou, entre outras, *Antes do Tunel*, 1967; *Texto e corpo*, 1969; *Antologia do conto goiano*, 1969; *Couto Magalhães: a vida de um homem*, 1970; *Inhumas: nossa cidade*, 1978; *Urubanda*, 1985; *Calada Nudez*, 1998; *Lacraus*, 2004; *Marbrasa*, 2004; *Teatro moderno*, 2005.

**Figura 14 – Miguel Jorge**



Fonte: *Google Imagens*

Além desses entrevistados, tentou-se fazer contato com outros colecionadores de livros goianos considerados raros. José Mendonça Teles, por motivo de doença, não pode responder à entrevista. Tentou-se também contato várias vezes com Bariani Ortêncio por telefone, mas sem êxito.

---

<sup>8</sup> Fonte: Disponível em: <<http://academiagoianadeletras.org/membro/miguel-jorge/>>.

## 4.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram analisadas conforme seis, das sete categorias apresentadas por Amaral (2010, p. 32), que segue critérios baseados na metodologia de Bardin (2010 *apud* AMARAL, 2010, p. 32).

Devido às questões das entrevistas apresentadas nesta pesquisa não terem sido as mesmas das aplicadas por Amaral, as análises estão, portanto, apenas baseadas nas categorias criadas por ela, não sendo exatamente iguais as da autora. Através destas categorias e diante da necessidade de se analisar outros questionamentos levantados nesta pesquisa, novas categorias foram criadas. No total, treze categorias foram apresentadas com o intuito de responder às indagações que motivam a presente pesquisa.

### **CATEGORIA 1 – MOTIVAÇÃO DO COLECIONADOR**

Quando questionados sobre como surgiu o interesse por colecionar livros, os entrevistados Godinho, Coelho Vaz e Antônio César, afirmaram terem sido motivados pela leitura, e no caso de Coelho Vaz e Antônio César, pelos familiares próximos também, como explica Antônio César:

Desde minha infância tenho pendor para colecionar livros. É claro que quando criança, “guardava” com carinho os livros que me eram presenteados. Meu avô, meu pai e meu tio paterno sempre me presenteavam com bons livros.

E ainda, como responde Íuri Godinho:

Ah, acho que esse interesse vem da leitura. Eu sempre li. Eu não lembro quando eu comecei a gostar de ler, mas eu sempre gostei de ler, e quanto mais você vai lendo, você vai gostando e você quer guardar [...] e então eu sempre pensei que eu queria ter uma biblioteca [...].

No caso dos entrevistados Heleno Godoi e Miguel Jorge, o colecionar livros parte de suas profissões, não sendo assim um *hobby* propriamente dito, apesar de demonstrarem prazer na prática, como é justificado por Godoi: “Minha atividade de escritor e de professor me obrigam a comprar livros. Assim, colecionar livros não é para mim nem um hobby, embora seja paixão sim, mas é uma necessidade”.

Sobre a leitura, Moraes (1996, p. 12 *apud* AMARAL, 2008, p. 32) afirma que “Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para a nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e aprender a sonhar [...]”.

Além desses sentimentos, a prática de leitura também desperta o apego aos livros, como coloca Amaral (2008, p. 32), “a leitura, além de despertar a imaginação, a criatividade também leva ao apego aos livros para colecioná-los.”, e embora nem todos os entrevistados tenham respondido que o prazer em colecionar partiu da leitura, é possível se comprovar pela maioria das respostas, que o gosto pela leitura é um passo importante para se colecionar.

## **CATEGORIA 2 – INTERESSE POR OBRAS RARAS**

Esta categoria é resultado da questão “Como é sua coleção? Pode ser considerada de livros raros?”, onde todos os entrevistados afirmaram possuir livros raros, mas que não é de fato o foco de suas coleções, como responde o entrevistado Miguel Jorge: “[...] eu não tenho assim muitos livros raros, eu tenho alguns. Como eu sou escritor do modernismo, então eu busco o que há de mais moderno, de mais atual”.

E ainda, Heleno Godoi:

Meus livros são, acima de tudo, de minha utilidade, concentrados nas áreas em que ministro disciplinas na graduação e na pós-graduação: literaturas de língua inglesa, teoria da literatura e crítica literária, além, é claro, de livros de literaturas de língua portuguesa. Não coleciono livros raros e guardo alguns periódicos e revistas de minha área, mas esse não é o foco de meus interesses.

Mas apesar dos livros raros não serem o foco das coleções dos entrevistados, todos demonstraram interesse, desde que supram também suas necessidades profissionais. Como colecionadores, dessa forma têm uma motivação maior.

## **CATEGORIA 3 – ASSUNTOS DE INTERESSE**

Aqui os entrevistados foram indagados se colecionam assuntos específicos ou todo tipo de livro, que possa ser considerado raro, independentemente da nacionalidade ou origem e quais as preferências.

Para o entrevistado Antônio César, interessam os devocionais, uma vez que trabalha numa instituição católica e ainda, ser católico fervoroso. Ainda explica que coleciona “todo tipo de livro, independente de nacionalidade e origem”.

Os entrevistados Coelho Vaz e Iúri Godinho afirmam que suas coleções possuem como foco os autores goianos, portanto seu assunto de interesse maior é História de Goiás.

Para o entrevistado Heleno Godoi, interessam os assuntos sobre teoria da literatura e literaturas de língua inglesa e portuguesa, que são os que lhe interessam e dos quais precisa para sua profissão como professor.

O entrevistado Miguel Jorge afirma que tem em sua biblioteca diversos assuntos, entre eles ficção, romance, contos, poesia, sociologia, mas nada em específico. Seus livros estão diretamente ligados à sua profissão como escritor.

O assunto de interesse de cada um dos entrevistados está diretamente ligado à suas profissões e interesses pessoais, como foi possível perceber em cada uma das respostas então relacionadas.

#### **CATEGORIA 4 – TAMANHO DO ACERVO**

Conforme parâmetros e critérios adotados por Prado (2000, p. 11 *apud* AMARAL, 2008, p. 36), “o menor acervo recomendável para uma biblioteca é de mil livros”.

Na pergunta “Qual o tamanho do seu acervo?”, apenas dois entrevistados souberam responder em números a quantidade de livros que possuem, e de acordo com Prado, um deles não seria considerado uma biblioteca. O entrevistado Heleno Godoi afirma ter em média 20 mil livros. Já o entrevistado Antônio César diz possuir apenas 50 livros.

#### **CATEGORIA 5 – SIGNIFICADO DO LIVRO COMO OBJETO MATERIAL**

De acordo com Amaral (2008, p. 37), “a encadernação, o tipo de papel, o tipo de letra, são os aspectos mais importantes do valor físico dos livros”. São esses aspectos que tornam o livro atraente, objeto de desejo. Para Mindlin (1997 *apud* Amaral, 2008, p. 37), além destes aspectos, o importante no livro, “[...] além do conteúdo, edição, encadernação, diagramação, tipografia, ilustração, ou papel, o livro exerce sobre mim uma atração física. Não me satisfaz ver um livro na vitrine, sem poder pegá-lo”.

O entrevistado Miguel Jorge entende que esses aspectos dos livros como papel, encadernação, entre outros, são importantes principalmente para a história, para mostrar como os livros eram produzidos, quais as preferências de papel da época, entre outros, mas assim como Mindlin, ele acredita que nada melhor do que sentir o livro, estar com o livro.

O entrevistado Coelho Vaz diz observar sim os aspectos físicos do livro:

É uma das coisas que eu vejo em primeiro plano, exatamente se o papel era ainda aquele papel antigo, o papel jornal, ou se era daqueles usados muito que conserva muito mais que o papel jornal. Porque teve um período em que os trabalhos aqui em Goiás eram feitos no papel jornal, que desaparece, estraga muito rápido, ao passo que o papel mais grosso, mais condensado, ele perdura por mais tempo. É uma das coisas que eu observo.

Já Antônio César diz não conhecer muito sobre o assunto: “[...] se conheço um pouco a este respeito se deve a leituras variadas, mas não diretamente realizadas para a aquisição de um livro”.

Para o entrevistado Iúri Godinho, o que importa é o tema, o assunto. Os aspectos físicos do livro ele entende como importantes, mas para ele, o que realmente importa é se o tema chama a atenção: “Se o tema me interessar, eu quero, eu compro. Ponto. Certo? Ai depois tem livro mais fácil de ler, livro mais difícil de ler. O projeto gráfico é fundamental, ele influi demais da conta, mas assim, não é o primordial. O primordial é se o tema me interessar”.

O entrevistado Heleno Godoi possui opinião similar a de Godinho, uma vez que afirma adquirir os livros por sua utilidade e, além disso, pelo melhor preço:

Adquiro livros pela utilidade deles, acima de tudo, [...] busco melhores preços também. É claro que, quanto melhor editado o livro, melhor; mas seja qual for a qualidade de produção do livro, se a edição disponível é uma que não seja muito boa, compro o livro mesmo assim.. Não coleciono livros de arte, embora os aprecie.

Dessa forma foi possível perceber que os entrevistados, apesar da maioria não observar os aspectos físicos dos livros raros, reconhecem os mesmos como partes importantes.

## **CATEGORIA 6 – FUTURO DOS LIVROS**

Esta categoria procura entender quais as opiniões dos entrevistados sobre espaço dos livros impressos em um futuro em que terão que competir com livros eletrônicos, os chamados e-books. Para tanto, foram feitas as seguintes perguntas aos entrevistados: Qual sua opinião a respeito de livros eletrônicos? Que impacto a tecnologia tem sobre a coleção de livros impressos, especialmente dos exemplares raros?

Para todos os entrevistados, sem exceção, os livros (não somente os considerados raros), sempre terão seu espaço, mesmo que os livros de formato eletrônico ganhem mercado. Para eles, é mais ou menos como ocorreu entre o rádio e a televisão, a televisão e a internet – todos tem seu espaço, independente do que vier, principalmente se levado em conta os aspectos físicos do livro levantados na categoria anterior, como afirma Antônio César: “Creio que é uma realidade que se impõe, mas o livro raro, fisicamente falando, não será substituído pelo eletrônico. Para um colecionador critérios como textura, cheiro etc. fazem a diferença”.

Para Heleno Godoi, apesar de o livro eletrônico não vir a substituir o livro impresso, este por sua vez pode contribuir com a democratização do livro raro:

Não creio na influência da tecnologia do livro eletrônico sobre a impressão de livros em papel. Se isso tivesse de acontecer, acho que já teria acontecido. Como o livro eletrônico, imagina-se, estará eternamente disponível, jamais será raro. A tecnologia pode e poderá, talvez, democratizar o acesso ao livro raro, disponibilizando-o através da digitalização.

Iúri Godinho acredita que o livro raro sempre terá seu colecionador, nunca perderá seu valor. Em sua opinião, quem coleciona “vai querer aquele material ali da época”, que são as características físicas e predominantes de um livro impresso raro e que o eletrônico não proporciona. Mas o entrevistado acredita que o livro impresso também tem seu espaço, seu valor: “O livro eletrônico também vai viver ao lado da literatura convencional [...] gente que gosta de ler, vai ler digital, em papel, se tiver em folha de arroz ele vai ler, ele gosta de ler, ele não tá preocupado com isso”.

O entrevistado Miguel Jorge demonstra preferência pelos livros impressos:

[...] eu preciso ter contato físico com o livro, preciso passar páginas, anotar. Então o livro eletrônico a mim não atrai. Eu acho muito cansativo e eu acho que a pessoa perde muito. Você estar com o livro, aberto, você vai lendo página por página, faz anotações. Você sente, tem o prazer de estar com esse livro. Pra mim isso é muito importante. Você leva pra onde você quiser né? Vai pra sala, pra cozinha, pra dormir, você tá com o livro. Pra mim isso é importante. Eu acho que não acaba. Independente do que vier [...].

Portanto, os entrevistados acreditam que os livros impressos, especialmente os raros, sempre terão seu espaço, e muitos são os motivos, por serem únicos, por seus aspectos físicos, enfim, por características que os eletrônicos por sua vez nunca viriam a ter.

## **CATEGORIA 7 – TIPOS/ASSUNTOS MAIS COMUNS DE LIVROS RAROS**

Ao serem indagados quais os tipos ou categorias mais comuns de livros raros na opinião dos entrevistados, os mais citados foram os de literatura e história, mas como disse o entrevistado Heleno Godoi: “Isso depende, é claro, do interesse de qualquer colecionador”. Outros tipos também foram citados, como os de religião e filosofia.

Percebe-se que, na opinião dos entrevistados, os livros de literatura e história são a grande categoria dos raros, os que preservam a memória da sociedade, como explica o entrevistado Miguel Jorge em sua resposta: “História, também, nem se fala, porque a história nunca é contada como ela é. Então quando você pega um livro raro e que é uma história, esse deve ser preservado”.

## **CATEGORIA 8 – CRITÉRIOS DE RARIDADE**

A definição de livro raro no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008, p. 234): “[...] livro que, pelas características da edição, existência de autógrafo do autor ou alguma razão especial, é considerado valioso”, e ainda define quatro critérios de raridade: “[...] a) escasso: quando a obra aparece no mercado livreiro uma vez por ano. b) raro: quando é ofertado no comércio a cada dez anos; c) muito raro: quando chama a atenção do especialista durante poucas vezes em sua vida; d) único: quando não se sabe da existência de outro exemplar.”

Para o entrevistado Antônio César, um livro para ser considerado raro seria justamente o difícil de encontrar, ser uma primeira edição, ou conter um autógrafo do escritor ou ainda, ter pertencido a alguma pessoa famosa na história. O entrevistado aponta ainda como critério de raridade as características físicas do livro: “Muitas vezes a raridade está nas características de sua confecção: capa, lombada, letras, impressão, etc. ou mesmo referente a um assunto determinado e de interesse do colecionador”, e completa que para ele, o que atrai é o tamanho do livro.

O entrevistado Geraldo Coelho Vaz diz que para ser raro ele tem que ser antigo. Para Heleno Godoi, os critérios de raridade de um livro são a data da edição, a tiragem, o escritor e por fim os aspectos físicos da obra.

Para Iúri Godinho, o critério de livro raro, além da tiragem, é o autógrafo ou uma “prova do editor”.

O critério é o meu interesse. Assim, falando em livro raro que eu gosto de ter também e que eu gosto de comercializar, vender e trocar, eu não tô muito a procura de livro que teve uma tiragem pequena, entendeu? Eu tô a procura de livro assim que o autor tenha corrigido, ou que seja uma prova do editor, ou que esteja autografado. Eu me preocupo muito pouco com, porque falar livro raro é um livro que teve pouca tiragem, eu não acho que seja só isso, eu acho que tem um punhado de outras variáveis também além da tiragem e que fazem o livro ser raro.

Para o entrevistado Miguel Jorge, o livro se tornar renomado com o passar do tempo, somando ao fato de que o mesmo não tenha novas edições é que torna um livro raro, ou seja, o livro se torna único.

Todos os entrevistados entendem como critérios de raridade todos os elementos ou critérios nesta pesquisa citados, bem como os nesta categoria, apresentados pela definição acima. Primeiras edições, tiragens, conservação, características físicas e outras peculiaridades como os autografados.

## **CATEGORIA 9 – PRESERVAÇÃO DOS LIVROS RAROS**

Para o entrevistado Antônio César, o “acondicionamento, armazenamento e manuseio” são aspectos que precisam ser observados quando se trata de preservação dos livros: “No que tange aos que possuo, guardo-os, aqueles mais frágeis, em caixinhas de papel neutro, ao abrigo da luz solar ou artificial, e armazenados sem que um aperte ou ‘faça sofrer’ o outro, evitando, assim, desgastes e ‘contusões’”.

O entrevistado Coelho Vaz acredita que a “higienização do livro que é de fundamental importância pra não dar fungos nem traças, porque isso estraga muito os livros antigos”.

O professor Heleno Godoi concorda com as opiniões dos dois entrevistados anteriores, quando diz que “limpeza, boa conservação, manuseio cuidado” são necessários para a preservação de um livro, não só os raros, mas “todo e qualquer livro”. No entanto reconhece que os raros precisam de cuidados diferenciados: “No caso de livros raros, em ambientes aclimatados, sem acesso a leitores, só a funcionários da biblioteca, deixando leitores manusearem os livros sob severas condições de uso cuidadoso e, acima de tudo, respeitoso.”.

Iúri Godinho acredita que controlar a umidade para evitar fungos, iluminação do local escolhido para ser a biblioteca, tomando-se o cuidado para não ser luz direta a fim de

que não se corra o risco de danificar os livros, não amontoar os livros um em cima dos outros e a higiene do local onde os armazena é de fundamental importância quando se trata de preservação. O escritor Miguel Jorge também acredita que controle de umidade é um dos fatores para a preservação dos livros, além de um ambiente seguro.

Os entrevistados demonstraram entender, principalmente com a prática pelo tempo que possuem de coleções, como preservar um livro, especialmente se for raro. Eles reconhecem que o livro raro precisa ser tratado de forma especial, se levado em conta que é único com valor histórico e social para a sociedade.

## **CATEGORIA 10 – AMPLIAÇÃO DO ACERVO, MEIOS E RECURSOS UTILIZADOS**

Nesta categoria procura-se identificar quais os meios e recursos utilizados pelos entrevistados para ampliar seus acervos e saber se a internet contribui na busca por novos livros raros. As perguntas para esta categoria é “Quais os meios e recursos que utiliza para ampliar seu acervo? A internet facilita essa busca? De que maneira consegue novos livros e/ou coleções?”.

Antônio César respondeu que a maioria dos livros raros que possui foram ganhos, sendo que os outros ele adquiriu em sebos de Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro. Ele ainda acrescenta que a internet ajudou sim na busca em alguns momentos.

Coelho Vaz também afirma que de seus livros, muitos foram doações, mas que nunca buscou na internet por livros raros: “[...] nunca procurei na internet por livros raros, geralmente é por doação mesmo, fico sabendo quem tem, procuro, converso, geralmente eles me doam porque muitas vezes nem sabem o que fazer com o os livros [...]”.

Heleno Godoi afirma que utiliza de recursos próprios para ampliar seu acervo e acrescenta que utiliza a internet como meio para concretizar as compras:

Sempre compro meus livros com recursos próprios. Infelizmente as bibliotecas universitárias brasileiras são desprovidas de muitos recursos, não importam livros estrangeiros e são demoradas em seu processo de compra de livros, por causa da burocracia existente e exigente. Assim, professores universitários como eu precisam investir seu salário em aquisição de livros, senão correm o risco de ficarem desatualizados. Atualmente faço pedidos pela Internet, claro, que facilitou muito a vida de quem precisa de livros para desenvolver seu trabalho, utilizando-a tanto para comprar no país como no exterior. Comprar livros pela *Amazon* (mas não só através dela) é muito bom, pois se encontra quase tudo que existe disponível no mundo.

Já Iúri Godinho afirma utilizar a internet não propriamente para comprar, mas principalmente como um apoio, um mecanismo de busca:

Eu não uso muito a internet [...], a partir de uma leitura eu descobro um livro raro, aí eu busco na internet. E a internet pra livro raro é excelente porque muitas vezes a pessoa não sabe da raridade que tem na mão. Então é fácil comprar. Comprei um livro de 1990, a *Vida Sexual dos Selvagens*, de um cara chamado Júlio Barroso [...] E ele escreveu esse livro [...] só que logo depois ele suicidou, e esse livro foi logo ali perto da época do suicídio dele, eu não sei o que tem, e foi um livro de tiragem muito limitada, um livro grande, bacana, esse livro, eu lembrei que eu tinha ele, procurei não tinha mais e a internet serviu, entendeu? [...] Porque eu lembrei que eu tinha, procurei e não tinha mais aí fui atrás dele. Agora, a internet é o lugar mais bacana do mundo pra você comprar livro raro, barato, da pessoa que não sabe o que tem na mão. Eu tenho uma primeira edição autografada aqui do Jorge Amado, que é aquela obra de três volumes dele, [...] o cara me vendeu ele por 80 reais os três livros, autografado primeira edição, então quer dizer, é gente que pega de herança.

Miguel Jorge também diz conseguir os livros com recursos próprios, não só os raros, todos, e acrescenta que a internet ajuda na busca: “Em Goiânia às vezes você não acha o livro que você precisa então você pede pela internet”.

Os recursos observados nas respostas dos entrevistados, a doação e o próprio custeio dos livros, independente se raros ou não, são predominantes entre os entrevistados. O meio internet foi citado, pela maioria, como de grande ajuda, tanto no momento da busca, quanto no da aquisição.

## **CATEGORIA 11 – EXISTÊNCIA DE LIVROS GOIANOS RAROS**

A presente categoria busca identificar se existem livros goianos que possam ser considerados raros. A pergunta para esta categoria feita aos entrevistados foi “Há livros goianos raros? Considere os publicados no Estado e os publicados fora, mas que dizem respeito ao povo goiano”.

Todos os entrevistados afirmaram existirem sim livros goianos raros, e alguns até citaram exemplos.

Antônio César citou os seguintes títulos:

*Dicionário da Língua Brasileira*, de 1831, publicado pelo goiano Luiz Maria da Silva Pinto, em Ouro Preto, o *Livro da Ley Goyana*, de meados do século XIX, o livro *Viagem ao Araguaia*, de 1863, de autoria do Couto Magalhães, cujo critério de raridade está em ser o primeiro livro impresso em Goiás, nas oficinas do Correio Oficial de Goyaz, o livro *Goyania*, de 1899, de autoria de Manoel Lopes Carvalho Ramos, livro que serviu para se nomear, em 1933, a nova capital, a primeira edição do *Anuário Histórico Geographico e Descritivo do Estado de Goyaz*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, de 1910, *Contos Sertanejos* (contos), em 1899 e *Contos reais* (contos), de 1910, estes dois últimos de autoria do padre Zerefino de Abreu, *Alfomega – Gramática do Latim*, do padre Francisco Ignácio de Souza, de 1920, e outros.

Coelho Vaz deu como exemplo o primeiro livro publicado no Estado, *Viagens ao Rio Araguaia*, de 1869 de Couto Magalhães e cuja primeira edição se encontra em sua coleção. “Essa é a obra mais importante que eu tenho e que é a primeira edição.”

O entrevistado Heleno Godoi afirma existirem muitos livros raros goianos:

Primeiras edições de livros de escritores goianos são praticamente todas raras, se publicadas antes de trinta ou quarenta anos atrás [...], pois são edições pequenas, hoje difíceis de serem encontradas. Além disso, publicadas por gráficas que talvez nem existam mais. Se for obra de estreia de um escritor, a edição fica mais rara ainda, levando-se em conta que o número de exemplares publicados não passava de trezentos, quando muito, quinhentos.

Iúri Godinho cita as obras raras goianas que possui em sua coleção, como a segunda edição de *Topas e Boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos: “[...] porque não foi editado aqui, é raro [...]”. Ele ainda cita a primeira edição do livro que fala sobre o início de Goiânia, da Professora Ofélia, e livros da década de 80 “que já estão se tornando raros”. O entrevistado ainda fala sobre o livro, espécie de catálogo por ele produzido da Bienal do Incomum, evento que ocorreu em Goiânia e que hoje pode ser considerado raridade, por ter tido tiragem pequena e hoje ser difícil de encontrar. “O que mais existe é raridade. Meu foco é porque não tá em livro raro, mas você acaba tendo.” Miguel Jorge cita como raros uma Antologia de autores goianos e um *Dicionário Analógico*, de autoria do professor Ferreira. Ambos se encontram em sua coleção.

Através das respostas de todos os entrevistados é possível perceber que livros raros goianos existem sim, ou seja, o alvo da bibliofilia, aquele objeto cobiçado por todo bibliófilo.

## CATEGORIA 12 – IMPORTÂNCIA DOS LIVROS RAROS PARA A SOCIEDADE

Nesta categoria procura-se conhecer qual a importância que os entrevistados atribuem aos livros raros para a sociedade no geral, através da pergunta “Que importância sociocultural e até econômica atribui aos livros raros para a sociedade?”.

Para Antônio César, o livro raro contribui com a preservação da história, e principalmente, com o aprendizado dela:

Eles são vestígios do passado, ou seja, o passado não volta em sua inteireza. Conhecemos apenas alguns aspectos do passado. O livro raro, independente de qual critério de raridade se parta, demonstra uma nuance da vida sociocultural de um tempo. No estudo de um livro raro, o *expert* vai muito além do conteúdo e confecção do livro. Por ele se fica conhecendo uma época, usos e costumes, materiais utilizados, a arte empregada, o contexto em que foi confeccionado, e mesmo se pode vir a conhecer um pouco do mundo psicológico de outrora.

Geraldo Coelho Vaz também acredita que os livros raros possuem um papel de preservação da história, passando para as próximas gerações o que foi vivido e vivenciado pelas anteriores. O escritor fala ainda da importância dos livros raros para a sociedade goiana, a importância destes em preservar a história goiana.

Para Heleno Godoi, o livro raro é “peça importante no desenvolvimento de nossa cultura e história”, e ainda cita o exemplo do livro *Iracema*, de José de Alencar. Na opinião do entrevistado, é um livro importante não apenas por ser raro em sua primeira edição, mas em qualquer edição ele representa “um marco na evolução de nossa literatura”, apesar de que a primeira edição, segundo ele, que existe na biblioteca do Mindlin, hoje em São Paulo, ainda assim representa um “marco histórico editorial”.

Iúri Godinho acredita que qualquer livro também tem seu valor, mas que o raro possui um valor a mais, principalmente se este atingir “um maior número de pessoas”, a fim de que se transmita a história a partir dele.

Para Miguel Jorge, a história dos livros raros para a da sociedade, sua produção, como foram escritos, criados, produzidos, é o aspecto mais importante para a sociedade, independente do conteúdo do livro, ainda que este também importe:

Eu dou mais importância à própria história, sabe? Vou te explicar como. Como foi elaborado esse livro, como foi criado esse livro, como foi editado esse livro. Porque não era fácil [...], mas antigamente era muito difícil. Você vê, por exemplo, que editar Ulisses, ele foi recusado várias vezes, de repente apareceu uma editora, uma mulher que falou: “eu vou editar esse livro”, e é um sucesso que tem hoje. Claro que o conteúdo do livro é importante, senão não se torna raro, não é um livro admirado, um livro procurado, bem querido, enfim. Mas a questão histórica, por exemplo, você vai ler Camões, você vê a história de Camões, como é que esse livro foi concebido, de que maneira foi editado, então a gente tem que pegar o todo, [...] muito importante tudo isso.

Conforme os entrevistados responderam, o fato do livro preservar a história de outrora, o valor histórico que este representa para a sociedade é o mais importante dos valores atribuídos aos livros raros.

### **CATEGORIA 13 – BIBLIÓFILOS E ASSOCIAÇÕES EM GOIÂNIA**

O objetivo desta categoria é identificar a existência ou não de associações de bibliófilos em Goiânia, cidade foco desta pesquisa, através da pergunta “Conhece outros bibliófilos ou colecionadores de livros em Goiânia? Existe uma associação, confraria, grupo ou rede de contato na cidade ou região de que faça parte?”.

Antônio César afirma não conhecer bibliófilos ou colecionadores de livros raros em Goiânia nos dias de hoje, mas cita o já falecido Dr. Altamiro Pacheco, “uma biblioteca primorosa, hoje pertencente à Academia Goiana de Letras e conservada na Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco. Ali se encontram raridades e preciosidades, não existindo, porém, nenhum critério, nem separação do que seja raro ou não”.

Geraldo Coelho Vaz diz ter alguns colegas com quem troca ideias, como José Mendonça Teles, que possui em seu acervo obras raras goianas. Ele cita também Antônio César, por seu envolvimento com o Instituto de Estudo e Pesquisa Histórico do Brasil Central da PUC/GO, que possui em seu acervo algumas obras raras. Mas afirma não ter notícia de associações ou grupos de colecionadores de livros raros em Goiânia.

O professor Heleno Godoi cita dois colecionadores de livros goianos, e que possuem raridades, entre eles, Bariani Ortêncio e José Mendonça Teles. Mas também afirma não conhecer nenhuma associação ou grupo de colecionadores de livros em Goiás.

Lúri Godinho cita Geraldo Coelho Vaz como pessoa que tem interesse no assunto, mas desabafa que em Goiânia não tem com quem conversar sobre o assunto:

Então assim, nesse nível de colecionismo que eu coleciono as coisas, e que eu ‘saco’ biblioteca, se tiver, realmente se tiver, eu não conheço. Assim, nem nunca ouvi falar. Tem gente que coleciona arma, (risos), mas assim que tenha interesse em montar uma biblioteca, eu não conheço. Antes eu pensava em deixar uma biblioteca.

Sobre associações ou grupos de bibliófilos em Goiânia, o entrevistado afirma não existirem, e que formar “é difícil”, e ainda acrescenta que na cidade ainda não existe a cultura ou o reconhecimento desse tipo de trabalho que as associações ou grupos de bibliófilos proporcionam.

Miguel Jorge afirma de maneira enfática que não conhece bibliófilos ou colecionadores e que não sabe da existência de grupos ou associações de bibliófilos.

Analisando as respostas dos entrevistados, percebe-se que, além dos entrevistados, poucos são aqueles interessados em livros, e menos ainda em livros raros em Goiânia, e que provavelmente por este motivo é que grupos ou associações de bibliófilos não existam e nem se tenha planos de existir um dia.

## 5 CONCLUSÃO

Através das entrevistas percebe-se que a bibliofilia ainda é uma prática desconhecida em Goiânia, e que apesar de existirem aqueles que colecionem livros, sendo alguns raros, ainda não possuem uma coleção que se pautem nos princípios e práticas da bibliofilia. Os próprios entrevistados não se diriam de fato bibliófilos, uma vez que suas coleções não se baseiam apenas em livros raros, de apenas um assunto ou um autor.

Os entrevistados mostraram interesse em colecionar livros raros goianos, demonstraram que sabem e entendem os aspectos que tornam os livros raros conforme a bibliofilia o faz, mas ainda assim suas coleções não entram nos parâmetros de uma coleção bibliófila, sendo que não são homogêneas e no caso de um dos entrevistados, serve como fonte de lucro, o que não acontece na bibliofilia.

O resultado que se tira das entrevistas é justamente o de que a bibliofilia em Goiânia ainda não existe e nem faz parte dos planos daqueles que se mostram mais perto desse universo, no caso os colecionadores de livros goianos, que são na maioria os escritores e historiadores goianos, ainda que os mesmos demonstrem interesse no assunto, entendam um pouco sobre a prática e inclusive acreditem ter grande importância para a sociedade no geral, no que tange aos aspectos culturais e socioeconômicos da mesma. Na questão das associações ou grupos de bibliófilos em Goiânia, de acordo com todos os entrevistados, não existe e sequer tem pretensão de existir, fato que já era esperado, uma vez que em Goiânia não se encontram colecionadores que possam ser considerados bibliófilos.

A opinião é unânime entre os entrevistados, acreditam que Goiânia está atrasada se comparada com outras capitais brasileiras – e ainda estrangeiras – no que se refere à prática da bibliofilia. A prática aqui ainda não atingiu seu espaço, e os poucos que tinham interesse hoje já estão sem condições físicas para continuar, que é o caso de José Mendonça Teles, escritor aposentado, colecionador de magníficas obras raras, e que infelizmente a saúde já debilitada impede de manter-se a procura de novas obras raras.

Quando indagados sobre a existência ou não de livros raros goianos, todos os entrevistados responderam com firmeza e positivamente, dando ainda nomes como exemplo. Ou seja, os livros considerados raros de origem goiana para serem colecionados existem, falta quem os colecionem com a paixão e com o ímpeto de um bibliófilo.

Como já colocado anteriormente, todos os entrevistados, apesar de colecionadores de livros, de possuírem suas bibliotecas e coleções que satisfaçam suas necessidades e ainda, como alguns explicam, seja mesmo um *hobby*, não apresentam de fato um interesse em

coleções ou livros raros, sendo assim, não são bibliófilos, apesar de, como também já exposto anteriormente, entenderem do assunto, como por exemplo, o fato de que reconhecem a relevância histórica e cultural dos livros raros para a sociedade, entendem a necessidade em preservá-los, inclusive nas condições adequadas e os cuidados que se deve ter com as obras, que na sua maioria, já sofreram com a ação do tempo, de bichos e com o descaso.

Conforme foi apresentado nas pesquisas e entrevistas, Goiânia ainda não se mostra pronta culturalmente para receber e aceitar a bibliofilia, embora não falem motivos e/ou objetos de desejo para a bibliofilia, nesse caso os livros goianos considerados raros. E isso pode ser percebido principalmente pelo fato dos sebos de Goiânia, mesmo entre os mais antigos, sequer saberem da prática da bibliofilia, ou da existência de bibliófilos na cidade.

Espera-se que com o passar do tempo e com a ajuda e empenho das Instituições já citadas, o interesse por esse tipo de colecionismo aflore pelos potenciais colecionadores das gerações futuras, que estes percebam a necessidade e a importância em se manter e preservar a história e a cultura do povo goiano através da prática da bibliofilia.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, J.F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>>. Acesso em: 09 de mar. de 2013.

AMARAL, Melisa do Prado. **Do prazer de ler à arte de colecionar obras raras:** desvendando o percurso do leitor que se torna bibliófilo. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

CAVEDON, Neusa. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, p. 345 – 371, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://link.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 de jul. 2013.

COSTA, Fernando Mustafá. **Bibliofilia:** A eterna devoção aos livros. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTE, Cordélia Robalinho de Oliveira. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2008.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia Sentimental de Sebos e Livros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ENCICOLPÉDIA ITAÚ CULTURAL LITERATURA BRASILEIRA. Biografia José Mindlin. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biografias\\_texto&cd\\_verbete=5798&cd\\_item=35](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5798&cd_item=35)>. Acesso em: 1 de mar. de 2013.

ENCICOLPÉDIA ITAÚ CULTURAL LITERATURA BRASILEIRA. Biografia Rubens Borba de Moraes. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biografias\\_texto&cd\\_item=35&cd\\_verbete=5751](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_item=35&cd_verbete=5751)>. Acesso em: 1 de mar. de 2013.

FERRÃO, Ygor Arzeno; FLORÃO, Marcelo dos Santos. Acomodação familiar e criticismo percebido em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 59, p. 34 – 43, 2010.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Conceito de obras raras. Disponível em: <[http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu\\_pagina=19](http://www.bn.br/portal/index.jsp?nu_pagina=19)>. Acesso em: 10 de mai. 2013.

KNYCHALA, Catarina Helena. **O livro de arte brasileiro.** Rio de Janeiro: Presença, 1983.

LOPES, José Rogério. **Colecionismo e ciclos de vida:** uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377 – 404, jul/dez. 2010. Disponível em: <<http://link.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em: 19 de jun. 2013.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros:** reencontros com o tempo. São Paulo: EDSUP, 1997.

MORAES, Rubens Borba Alves de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2005.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 09 de mar. de 2013. Acesso em: 09 de mar. 2013.

SANT'ANA, Rizio Brunno. Critérios para definição de obras raras. **Revista Online Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/revbfe/v2n3jun2001/art01.pdf>>. Acesso em: 10 de mai. 2013.

SILVA, Catarina Capella. Sobre Sebos e Livros. **Cronos: Revista de História**, Pedro Leopoldo, v. 4, n. 5, p. 165 – 176, jun. 2002.

OLIVEIRA, Mónica Ferreira Gomes Aires; WIELENSKA, Regina Christina. Colecionismo: fronteiras entre o normal e o patológico. **Revista Online Psicolog**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 27 – 41, 2008. Disponível em: <[http://www.psicolog.com.br/e107\\_files/downloads/Revista\\_Psicolog.pdf#page=29](http://www.psicolog.com.br/e107_files/downloads/Revista_Psicolog.pdf#page=29)>. Acesso em: 19 de jul. 2013.

## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO  
CURSO DE  
BIBLIOTECONOMIA



### Roteiro de entrevista

Prezado sr/a:

*Sou Fernanda Martins, aluna concluinte do Curso de Biblioteconomia, desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso com o tema “Bibliofilia em Goiás”, orientada pelo Prof. J.Vanderley Gouveia. Para tanto, uma das etapas do trabalho envolve entrevistas com colecionadores de livros/ bibliófilos no Estado.*

*Solicito a gentileza de responder às questões deste roteiro, da forma que lhe convier: pessoalmente, gravada; ou por escrito, via e-mail. São desejáveis comentários adicionais e complementações a aspectos não mencionados no roteiro.*

*Certamente essa contribuição é muito valiosa, pelo que agradeço, respeitosamente.*

- 
- 1) Nome completo, profissão, atividades.
  - 2) Como surgiu o interesse por colecionar livros? O sr/a. considera a atividade como um hobby ou, mais que isso, uma paixão?
  - 3) Como é sua coleção? Pode ser considerada de livros raros? Contém periódicos – revistas, jornais etc?

- 4) O que faz de um livro uma raridade? Quais os critérios que estabelece para considerar livros raros a serem incorporados? O que o atrai mais?
- 5) O sr. coleciona assuntos específicos ou todo tipo de livro, que possa ser considerado raro, independentemente da nacionalidade ou origem? Quais suas preferências?
- 6) Ao buscar e adquirir livros estuda e analisa também a forma de produção, como projeto gráfico e lay-out, composição, impressão, papéis utilizados, encadernação/acabamento?
- 7) Qual o tamanho do seu acervo? É possível destacar a maior raridade?
- 8) Quais os meios e recursos que utiliza para ampliar seu acervo? A internet facilita essa busca? De que maneira consegue novos livros e/ou coleções?
- 9) Conhece outros bibliófilos ou colecionadores de livros em Goiânia? Existe uma associação, confraria, grupo ou rede de contato na cidade ou região de que faça parte?
- 10) Que importância sócio-cultural e até econômica atribui aos livros raros para a sociedade?
- 11) Como calcula o valor monetário de um livro raro que adquire ou vende?
- 12) Quais cuidados são necessários para a preservação de um livro, especialmente os raros e mais antigos?
- 13) Há livros raros goianos? Considere os publicados no Estado e os publicados fora, mas que dizem respeito ao povo goiano.
- 14) Quais são os tipos ou categorias mais comuns de livros raros? (Técnico-profissional, acadêmico-científico, de história, literatura, religioso etc.).
- 15) Qual sua opinião a respeito de livros eletrônicos? Que impacto a tecnologia tem sobre a coleção de livros impressos, especialmente dos exemplares raros?

=====

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ANTÔNIO CÉSAR CALDAS

- 1) Nome completo, profissão, atividades.

Antônio César Caldas Pinheiro, Técnico em Documentação Histórica, Diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central/PUC Goiás, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e membro eleito da Academia Goiana de Letras.

- 2) Como surgiu o interesse por colecionar livros? O Sr./a. considera a atividade como um hobby ou, mais que isso, uma paixão?

Desde minha infância tenho pendor para colecionar livros. É claro que quando criança, “guardava” com carinho os livros que me eram presenteados. Meu avô, meu pai e meu tio paterno sempre me presenteavam com bons livros. Não eram livros raros, mas colaboravam para aumentar o meu interesse na área. Até por sentimentalismo guardo estes livros, releio as dedicatórias, acondiciono-os com carinho.

- 3) Como é sua coleção? Pode ser considerada de livros raros? Contêm periódicos – revistas, jornais etc.?

Levando-se em conta a realidade goiana, creio que alguns possam ser considerados livros raros. Possuo sim, alguns jornais e revistas.

- 4) O que faz de um livro uma raridade? Quais os critérios que estabelece para considerar livros raros a serem incorporados? O que o atrai mais?

Bem, são diversos os critérios. Na realidade de Goiás, tenho para mim que livro raro seria aquele difícil de encontrar. Mas mesmo assim, poder-se-ia dizer que a raridade muitas vezes reside em ser uma primeira edição, ou conter o autógrafo do escritor ou ter pertencido a algum personagem histórico. Não necessariamente, a meu ver, o critério de raridade deve se referir ao conteúdo do livro. Muitas vezes a raridade está nas características de sua confecção: capa, lombada, letras, impressão, etc. ou mesmo referente a um assunto determinado e de interesse do colecionador. A mim atrai o tamanho e a confecção (capas, principalmente).

5) O Sr. coleciona assuntos específicos ou todo tipo de livro, que possa ser considerado raro, independentemente da nacionalidade ou origem? Quais suas preferências?

Sim coleciono todo tipo de livro, independente de nacionalidade e origem. Pendo para os livros devocionais, pois são pequenos, muitas vezes ilustrados, alguns com esmero no tipo de letra. Possui um, agora perdido, cuja letra era gótica, muito bonita.

6) Ao buscar e adquirir livros estuda e analisa também a forma de produção, como projeto gráfico e layout, composição, impressão, papéis utilizados, encadernação/acabamento?

Não, se conheço um pouco a este respeito se deve a leituras variadas, mas não diretamente realizadas para a aquisição de um livro.

7) Qual o tamanho do seu acervo? É possível destacar a maior raridade?

Não é grande, creio que chegue a 50 (cinquenta) livros. Destaco *As Ordenações e Leys do Reyno de Portugal* (Ordenações Filipinas), de 1748, muito bem conservado, e um exemplar das Fábulas de La Fontaine, do século XVIII, este, um pouco estragado e já sem capa.

8) Quais os meios e recursos que utiliza para ampliar seu acervo? A internet facilita essa busca? De que maneira consegue novos livros e/ou coleções?

A maioria dos livros raros que possuo foram ganhos. Alguns poucos foram comprados em sebos de Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro. A internet me ajudou algumas vezes.

9) Conhece outros bibliófilos ou colecionadores de livros em Goiânia? Existe uma associação, confraria, grupo ou rede de contato na cidade ou região de que faça parte?

Não conheço bibliófilos e colecionadores de livros em Goiânia. Dr. Altamiro de Moura Pacheco, hoje falecido, possuía uma biblioteca primorosa, hoje pertencente à Academia Goiana de Letras e conservada na Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco. Ali se encontram raridades e preciosidades, não existindo, porém, nenhum critério, nem separação do que seja raro ou não.

10) Que importância sociocultural e até econômica atribui aos livros raros para a sociedade?

Eles são vestígios do passado, ou seja, o passado não volta em sua inteireza. Conhecemos apenas alguns aspectos do passado. O livro raro, independente de qual critério de raridade se parta, demonstra uma nuance da vida sociocultural de um tempo. No estudo de um livro raro, o *expert* vai muito além do conteúdo e confecção do livro. Por ele se fica conhecendo uma época, usos e costumes, materiais utilizados, a arte empregada, o contexto em que foi confeccionado, e mesmo se pode vir a conhecer um pouco do mundo psicológico de outrora. Não é à toa que os livros chamados “penitenciais” fizeram época na Idade Média, quando a sombra do pecado fustigava as consciências que recorriam à Igreja para acalmarem seu mundo interior. Também os livros chamados “Das Horas” (manuais de oração) apontam uma época, um contexto, enfim, uma história.

11) Como calcula o valor monetário de um livro raro que adquire ou vende?

Difícil calcular. Quando se deseja um livro raro e, logicamente, possua quantia, mesmo que seja o valor um pouco salgado, quase sempre se realiza a compra. Aqui não é apenas o valor do livro que conta, mas, também, a satisfação do colecionador.

12) Quais cuidados são necessários para a preservação de um livro, especialmente os raros e mais antigos?

Alguns cuidados para o seu acondicionamento, armazenamento e manuseio precisam ser observados. No que tange aos que possuo, guardo-os, aqueles mais frágeis, em caixinhas de papel neutro, ao abrigo da luz solar ou artificial, e armazenados sem que um aperte ou “faça sofrer” o outro, evitando, assim, desgastes e “contusões”.

13) Há livros raros goianos? Considere os publicados no Estado e os publicados no Estado e os publicados fora, mas que dizem respeito ao povo goiano.

Sim, conheço alguns, como o *Dicionário da Língua Brasileira*, de 1831, publicado pelo goiano Luiz Maria da Silva Pinto, em Ouro Preto, o *Livro da Ley Goyana*, de meados do século XIX, o livro *Viagem ao Araguaya*, de 1863, de autoria do Couto Magalhães, cujo

critério de raridade está em ser o primeiro livro impresso em Goiás, nas oficinas do Correio Oficial de Goyaz, o livro *Goyania*, de 1899, de autoria de Manoel Lopes Carvalho Ramos, livro que serviu para se nomear, em 1933, a nova capital, a primeira edição do *Anuário Histórico Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, de 1910, *Contos Sertanejos* (contos), em 1899 e *Contos reais* (contos), de 1910, estes dois últimos de autoria do padre Zerefino de Abreu, *Alfomega – Gramática do Latim*, do padre Francisco Ignácio de Souza, de 1920, e outros.

14) Quais são os tipos ou categorias mais comuns de livros raros? (Técnico-profissional, acadêmico-científico, de história, literatura, religioso etc.).

Creio que religioso e de literatura.

15) Qual sua opinião a respeito de livros eletrônicos? Que impacto a tecnologia tem sobre a coleção de livros impressos, especialmente dos exemplares raros?

Excelente para a publicação de livros raros. Creio que é uma realidade que se impõe, mas o livro raro, fisicamente falando, não será substituído pelo eletrônico. Para um colecionador critérios como textura, cheiro etc. faz a diferença.

## APÊNDICE C - ENTREVISTA COM GERALDO COELHO VAZ

1) Nome completo, profissão, atividades.

O meu nome é Geraldo Coelho Vaz, mas eu assino todos os meus livros e artigos como Coelho Vaz, profissão advogado e agropecuarista, né, porque eu mexo com fazenda. Fui advogado da Saneago que foi onde eu aposentei, no ano de 1996.

E agora o senhor é presidente aqui no Instituto, certo?

É eu fui presidente da União Brasileira de Escritores, por dois mandatos. Fui presidente da Academia Goiana de Letras por dois mandatos, fui secretário de estado da cultura em 1995 no governo do Iris e sou hoje presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

2) Como surgiu o interesse por colecionar livros?

Bom, primeiro eu acho que antes de... Bom eu nasci em Goiânia, em 24 de setembro de 1940, sou libriano, nasci no início da primavera, e logo em seguida nós nos mudamos pra uma fazenda em Ipameri, e de Ipameri nós nos mudamos para Catalão, em 1946, e lá em Catalão eu fiz o primário, o ginásio e o técnico em contabilidade. O técnico representava o segundo grau, na época era o técnico, o clássico e o científico, que se preparava para o vestibular. E lá em Catalão eu já manifestava o interesse, eu gostava já de ler. Nós tínhamos uma entidade cultural que eu participava todo domingo havia encontro, a gente discutia, e então, quando Catalão em 1959 completou 100 anos de existência, de emancipação política, procurei a comissão organizadora e falei que queria publicar um livro, que eu já estava com ele mais ou menos quase pronto, e acontece que talvez pela minha idade eles acharam que eu não devia, eles tinham convidado outras pessoas para fazer o livro sobre Catalão. Acontece que eles não fizeram e eu consegui publicar, com o auxílio de um parente meu e do meu pai o primeiro livro que chama *Fulos Catalanos*. Esse primeiro livro é um histórico das pessoas que nasceram, que viveram, que passaram por Catalão, dentre eles duas figuras de nome nacional, que é o Bernardo Guimarães, autor de *Escrava Isaura* e que escreveu em Catalão um romance ou uma novela como algumas pessoas querem que se chama *O Índio Afonso*. Passou também a infância lá, com a idade de 10 a 14 anos, um grande poeta, de nome nacional, que é o Fagundes Farela, o pai dele, o Emídio Fagundes Farela, foi juiz de direito em Catalão, e ele então acompanhou o pai na infância. Com isso eu os incluí, como também outros nomes. Ai eu percebi, desde aquela época, que eu gostava da história, que eu gostava de poesia, eu já fazia poemas, e eu acho que foi daí que surgiu meu interesse de colecionar livros. Naquela

época, em Catalão, como em todas as cidades de Goiás, talvez com exceção de Anápolis e Goiânia, não tinha livraria, então a gente conseguia comprar livros por reembolso postal, através dos correios. Você pedia no Rio ou São Paulo, o livro vinha, você pagava no correio e tirava a mercadoria, e assim, o ambiente lá em casa, todo mundo gostava muito de ler, meu pai também me incentivava muito, minha nem tanto porque tinha que cuidar de 10 filhos, alguns já moravam fora, estudando, e ali então em Catalão foi que comecei a ter esse amor por livro e passei a ter interesse também por livros antigos, eu ganhei de algumas pessoas lá de Catalão alguns livros, eu cheguei até a surrupiar, para não dizer roubar, alguns livros antigos que eles também não se incomodavam com aquilo, e eu acabei adquirindo de uma forma ou de outra. Eu tenho até hoje uma paixão, mas a minha paixão maior são por livros de autores goianos, especificamente os livros do Estado de Goiás. Eu não tenho uma coleção de livros raros de outros estados da Federação ou então livros de outros países, fiquei muito ligado e chegado a historiografia de Goiás.

3) Então isso já responde a pergunta três que é como é sua coleção, se pode ser considerada de livros raros?

É, eu tenho mais livros, tenho também diversos jornais do Estado de Goiás, de Catalão, de Bela Vista, e eu tive uma ligação muito grande com o professor Zoroastro Artiaga, eu já era casado aqui em Goiânia, nós morávamos na rua 9, em um prédio de fundo onde tinha seis apartamentos. Eu morava no segundo andar e o professor Zoroastro Artiaga morava no andar de baixo. E nossa ligação foi muito grande, ele foi um grande amigo, e com o falecimento dele, Dona Araci, que era viúva dele pediu para que eu tirasse o dinheiro que ele tinha no Ipagso. Eu tirei o dinheiro, passei pra ela, ela me perguntou quanto era e eu falei que não ia cobrar jamais aquele honorário, e o filho dela, o Otávio que morava em Belo Horizonte, veio a Goiânia pra levá-la a Belo Horizonte para morar com ele, e ela me ligou, falou “olha eu separei um punhado de jornais e algumas revistas, jornais de Goiás porque eu sei que você gosta disso, você conversava com o Zoroastro e estou te passando”. Eu recebi muitos jornais, que eu os conservo, algumas vezes eu já encaminhei alguns lá pro Antônio César, do IPEHBC, que ele fotocopiou, então é mais ou menos isso, tenho algumas revistas raras, como a Revista Goiana de 1927, que traz na capa a Miss Goiás, que são dois ou três números que eu tenho, e algumas obras que eu considero raridade.

4) E sendo assim, o que faz de um livro raro pra você? Quais os critérios que você estabelece para que ele seja raro?

Primeiro é que ele seja antigo. Não digo velho, mas que ele seja antigo. Porque o livro, pra mim, que é seja raro, e que me atrai parece que é uma compulsão que eu tenho quando eu vejo uma obra rara sobre Goiás que muitas vezes eu tunogo mas não tenho o conhecimento da obra, isso me fascina muito e eu procuro adquirir, comprar, mas nunca que eles vendem, sempre me dão, fazem uma doação. O interessante é que muitas vezes a pessoa não dá o devido valor naquela obra.

5) O senhor coleciona assuntos específicos, ou de todo tipo? Nesse caso o senhor já falou que são as obras de Goiás.

É, minha coleção eu procuro transformar é mais com autores goianos, inclusive eu tenho lá na parede do escritório, de fora a fora só de livros de autores de livros goianos. Eu tenho uma biblioteca razoável, e eu tenho muitos livros de autores goianos. Que aí eu coloco livros por ordem alfabética, e também livros da história de Goiás, livros da historiografia goiana, que é onde eu tenho para recorrer pra algumas palestras, algumas coisas que a gente trabalha, material pra pesquisar mesmo.

6) Ao buscar um livro, você repara no aspecto dele, na encadernação, acabamento, papel utilizado, projeto gráfico?

É uma das coisas que eu vejo em primeiro plano, exatamente se o papel era ainda aquele papel antigo, o papel jornal, ou se era aqueles usados muito que conserva muito mais que o papel jornal. Porque teve um período em que os trabalhos aqui em Goiás eram feitos no papel jornal, que desaparece, estraga muito rápido, ao paço que o papel mais grosso, mais condensado, ele perdura pro mais tempo. É uma das coisas que eu observo. Não tenho ciúme dos meus livros, meu ciúme é exatamente relativo à conservação. Vejo que muitas vezes a pessoa não sabe nem folhear o livro nem o jornal, então eu explico como é que eu gosto que eles façam quando vão pesquisar, pra manter conservado.

7) O tamanho do acervo do senhor, a maioria é raridade?

Não, não. Meu acervo de autor, escritor goiano eu tenho livros do início do século passado, século 18, século 19, vinte, vinte um, eu recebo muitos livros de autores goianos e eu vou conservando. Quando eu tenho duplicata, eu faço uma seleção e faço uma doação para bibliotecas, as bibliotecas que eu sempre mando são as bibliotecas de Catalão, de Silvânia, principalmente de Silvânia, porque são bibliotecas bem organizadas, mando para onde sei que serão bem cuidados.

8) Quais os meios e recursos que utiliza para ampliar seu acervo? O senhor já disse que ganha muito, que recebe muita doação. E a internet ela facilita essa busca?

Não, eu nunca procurei na internet por livros raros, geralmente é por doação mesmo, fico sabendo quem tem, procuro, converso, geralmente eles me doam porque muitas vezes nem sabem o que fazer com os livros, uma das razões que muitas vezes a gente fica sabendo que determinadas prefeituras pegam muita coisa e jogam fora, acervos que eles deveriam conservar, porque é a nossa história, eles acham que é velho, pode jogar fora, botar fogo. Eu tenho alguns trabalhos que eu fiz sobre a Vida e Obra do Senador Canedo, eu fiz um trabalho voltado a pesquisas em cartório, eu consegui o processo de inventário do pai dele, da mãe, dele, sogro, isso tudo em cartório. Se eles tivessem queimado e jogado fora eu não teria como fazer esse tipo de levantamento.

9) O senhor conhece outros bibliófilos, colecionadores aqui em Goiânia?

Conheço, eu tenho pessoas que eu sempre discuto ideias como o José Mendonça Teles, lá no Instituto José Mendonça Teles tem obras raras, obras que ele conservou e foi recebendo por doação. Nós temos aqui no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, trabalhos de obras raras, não só de Goiás como de fora. Também tenho um amigo, acho que você conhece o Antônio César, ele também é pesquisador muito sério, tem o Ubirajara Gali, temos a nossa professora Lena Castelo Branco, além dela nós temos ainda o Jales Guedes Coelho Mendonça, temos o Itamir Campos, temos ainda a Maria Augusta de Moraes, pessoas assim que eu gosto de trocar ideia.

10) E eles colecionam livros raros?

Eles tem trabalhos, obras antigas, que a gente conversa, mas não sei o tamanho do acervo deles. O do José Mendonça Teles eu sei que é bastante grande porque já tive acesso.

11) O senhor já disse que encontra com eles pra trocar ideia, mas...

Isso, pra tirar algumas dúvidas de ir e vir que eu tenho, outro que está indo pra esse caminho é o Iúry Godinho.

12) E o senhor sabe da existência de uma confraria, associação aqui em Goiânia?

Não, não. A não ser o Instituto Histórico, que preserva a memória. Nós recebemos aí diversas coleções de historiadores como de Aida Jane, José Cene Calobo, de Dona Neli Alves Almeida, e são livros ligados mais à história de Goiás, que é o acervo que nós conservamos.

13) Certo, porque geralmente em associações de bibliófilos, de colecionadores de livros raros, eles se encontram justamente pra fazer o que o senhor já faz, que é trocar ideia, muitas vez reeditar uma obra antiga, mas então o senhor não tem sabe se aqui existe, certo?

Não, não.

14) Que importância sociocultural e até econômica atribui aos livros raros pra sociedade?

Olha, os livros raros são livros históricos, livros de literatura, da historia, da memória, então eu acho que é importante porque passa pra próximas gerações aquilo que já passamos, que já vivemos. Então isso ai eu acho que é muito importante, pra história, pra preservar a memória histórica de Goiás.

15) Como calcula o valor de um livro raro que adquire ou vende?

Meio complicado, primeiro porque eu não vendo, então não tem um valor, o valor que tem é mais de afeto, sentimental, afetivo. E não tenho, nunca comprei livros raros, os livros sempre adquiri, algumas vezes quando eu vejo que tem um livro raro em alguma biblioteca, chego até

a perguntar se eles não fazem a doação pra minha pessoa, se vendem, como que fazem, mas eles acabam doando porque aquilo pra eles não tem grande valor, pra mim já tem.

16) Quais cuidados são necessário pra preservação de livros, especialmente os raros, os mais antigos?

Higienização do livro que é de fundamental importância pra não dar fungos nem traças, porque isso ai estraga muito os livros antigos. Então eu acho que tem a preservação e higienização sempre, né, eu acho que isso é muito importante pra manutenção do livro.

17) E os livros raros que o senhor tem o senhor mesmo que higieniza?  
Limpo, passo escovinha, pra conservar.

18) Há livros raros goianos, né, o senhor já disse que sim. Considere os publicados fora e os que dizem respeito ao povo goiano. O senhor já disse que coleciona basicamente esses.

É. Eu coleciono mais esse assunto. E tem esse livro que eu não sei se cheguei a falar, que é o primeiro livro, o mais importante que eu tenho que é o Viagens ao Rio Araguaia, do nosso grande escritor que eu considero, que foi o Couto Magalhães, presidente da província. O livro foi publicado em 1869. Essa é a obra mais importante que eu tenho que é a primeira edição.

19) Quais são os tipos ou categorias mais comuns de livros raros pro senhor, acadêmico – científico, de história, literatura, etc.?

Eu me interessei mais pela história. E também para literatura. Eu tenho muitos livros dos primeiros poetas goianos, principalmente os do início do século passado.

20) E na questão dos livros eletrônicos, que impacto a tecnologia tem sobre a questão dos livros impressos, principalmente em se tratando dos exemplares raros?

Olha os livros eletrônicos eu ainda não vi nada a respeito de livro raro, e eu acho que os livros eletrônicos vão ocupar seu espaço e os livros impressos também vão ocupar seu espaço. Eu lembro que com a televisão eles diziam que o rádio ia desaparecer porque não havia razão de ter televisão e o rádio funcionando. Hoje eu percebo que todo mundo que entra no carro liga o

rádio. Eu pelo menos tenho um rádio, tenho um CD, uma música clássica, uma música popular que eu gosto muito. Então isso ai não vai desaparecer, eu acho que o livro eletrônico vai ter seu espaço e como eu gosto de livro impresso, principalmente quando são novos que tem até um cheiro específico, um cheiro gostoso. Então isso não vai acabar, não vai desaparecer.

Bom, é isso. Terminamos por aqui.

Então é isso aí. Pra finalizar quero te agradecer a oportunidade pra responder esse questionário.

Imagina, eu é que agradeço pela ajuda.

## APÊNDICE D - ENTREVISTA COM HELENO GODOI

- 1) Nome completo, profissão, atividades.

Heleno Godói de Sousa, professor Titular de Literatura Inglesa na Faculdade de Letras da UFG, na graduação e na pós-graduação. Sou escritor, com dezessete livros publicados, sendo o primeiro de 1968 e o último de 2013.

- 2) Como surgiu o interesse por colecionar livros? O sr/a. considera a atividade como um hobby ou, mais que isso, uma paixão?

Minha atividade de escritor e de professor me obriga a comprar livros. Assim, colecionar livros não é para mim nem um *hobby*, embora seja paixão, sim, mas é uma necessidade. Desde cedo em minha vida compro livros.

- 3) Como é sua coleção? Pode ser considerada de livros raros? Contém periódicos – revistas, jornais etc.?

Meus livros são, acima de tudo, de minha utilidade, concentrados nas áreas em que ministro disciplinas na graduação e na pós-graduação: literaturas de língua inglesa, teoria da literatura e crítica literária, além, é claro, de livros de literaturas de língua portuguesa. Não coleciono livros raros e guardo alguns periódicos e revistas de minha área, mas esse não é o foco de meus interesses.

- 4) O que faz de um livro uma raridade? Quais os critérios que estabelece para considerar livros raros a serem incorporados? O que o atrai mais?

Minha ideia de livro raro é, em primeiro lugar, a data da edição, e, em segundo, a quantidade de volumes publicados. Depois disse é que vem a importância do escritor e da qualidade da obra. Não sou atraído por livros raros, nem primeiras edições ou coisa semelhante. Livros caros, por serem considerados raros, não me atraem, pelo contrário. Quanto mais raros e mais caros, mas me afastos deles.

5) O Sr. coleciona assuntos específicos ou todo tipo de livro, que possa ser considerado raro, independentemente da nacionalidade ou origem? Quais suas preferências?

Parcialmente respondi a isso na Questão 3. Acrescento apenas que não tenho preferências literárias em relação aos livros dos quais preciso e dos quais faço uso por causa de minha profissão de professor. Desta forma, compro livros pela utilidade deles, nas áreas em que trabalho: teoria da literatura e literaturas de língua inglesa e portuguesa.

6) Ao buscar e adquirir livros estuda e analisa também a forma de produção, como projeto gráfico e layout, composição, impressão, papéis utilizados, encadernação/acabamento?

Adquiro livros pela utilidade deles, acima de tudo, assim, busco melhores preços também. É claro que, quanto melhor editado o livro, melhor; mas seja qual for a qualidade de produção do livro, se a edição disponível é uma que não seja muito boa, compro o livro mesmo assim.. Não coleciono livros de arte, embora os aprecie.

7) Qual o tamanho do seu acervo? É possível destacar a maior raridade?

Por estimativa, devo ter 20.000 livros. Provavelmente a maior raridade que tenho é a edição de *O Tronco*, de Bernardo Élis. Alguém poderia preferir, quem sabe, a quarta edição das *Obras Completas de Hugo de Carvalho Ramos (Tropas e Boiadas e Plangências)*, de 1950. Eu não me preocupo com isso, tenho os livros por necessidade, não pela raridade deles.

8) Quais os meios e recursos que utiliza para ampliar seu acervo? A internet facilita essa busca? De que maneira consegue novos livros e/ou coleções?

Sempre compro meus livros com recursos próprios. Infelizmente as bibliotecas universitárias brasileiras são desprovidas de muitos recursos, não importam livros estrangeiros e são demoradas em seu processo de compra de livros, por causa da burocracia existente e exigente. Assim, professores universitários como eu precisam investir seu salário em aquisição de livros, senão correm o risco de ficarem desatualizados. Atualmente faço pedidos pela Internet, claro, que facilitou muito a vida de quem precisa de livros para desenvolver seu trabalho, utilizando-a tanto para comprar no país como no exterior. Comprar livros pela

Amazon (mas não só através dela) é muito bom, pois se encontra quase tudo que existe disponível no mundo.

9) Conhece outros bibliófilos ou colecionadores de livros em Goiânia? Existe uma associação, confraria, grupo ou rede de contato na cidade ou região de que faça parte?

Os escritores Bariani Ortêncio e José Mendonça Teles, ambos colecionadores de livros goianos; ambos possuindo muitas e importantes raridades. Não conheço nenhuma associação, confraria, grupo de colecionadores de livros em Goiás.

10) Que importância sociocultural e até econômica atribui aos livros raros para a sociedade?

Não vejo importância no livro raro por ser apenas raro, mas por ser peça importante no desenvolvimento de nossa cultura e história. Um livro como *Iracema*, de José de Alencar, não é importante por ser raro, em sua primeira edição. Em qualquer edição ele é importante marco na evolução de nossa literatura. Mas em primeira edição, como existe na Biblioteca José Midlin, que pertence agora à USP, em São Paulo, é importante marco histórico editorial.

11) Como calcula o valor monetário de um livro raro que adquire ou vende?

Essa é uma informação que não tenho, pois não comércio livros, só compro. Fiquei, há uns meses, espantado por descobrir, via Estante Virtual, que meu primeiro livro de poesia publicado, *Os Veículos*, de 1968, custava R\$ 100,00 em um sebo de São Paulo, por ser considerado livro raro. E é raro sim, por ser primeira edição, de quase cinquenta anos atrás, e por nem eu mesmo ter cópia original dele. Achei o preço até barato, e o volume foi adquirido por um aluno de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFG.

12) Quais cuidados são necessários para a preservação de um livro, especialmente os raros e mais antigos?

Limpeza, boa conservação, manuseio cuidadoso. Mas, na minha opinião, todo e qualquer livro dever ser tratado com cuidado e conservado da melhor maneira possível. No caso de livros raros, em ambientes aclimatados, sem acesso a leitores, só a funcionários da biblioteca,

deixando leitores manusearem os livros sob severas condições de uso cuidadoso e, acima de tudo, respeitoso.

13) Há livros raros goianos? Considere os publicados no Estado e os publicados fora, mas que dizem respeito ao povo goiano.

Sim, e muitos. Primeiras edições de livros de escritores goianos são praticamente todas raras, se publicadas antes de trinta ou quarenta anos atrás. Livros publicados em Goiás até 1975-80 podem ser considerados raros pois são edições pequenas, hoje difíceis de serem encontradas. Além disso, publicadas por gráficas que talvez nem existam mais. Se for obra de estreia de um escritor, a edição fica mais rara ainda, levando-se em conta que o número de exemplares publicados não passava de trezentos, quando muito, quinhentos.

14) Quais são os tipos ou categorias mais comuns de livros raros? (Técnico-profissional, acadêmico-científico, de história, literatura, religioso etc.).

Para mim, obras literárias e afins, livros de história, filosofia, estética, até mesmo livros religiosos. Isso depende, é claro, do interesse de qualquer colecionador. Bibliotecas públicas, no entanto, não devem ter, muito menos fazer, esse tipo de distinção, pois para elas e suas coleções especiais e de obras raras não devem existir discriminações.

15) Qual sua opinião a respeito de livros eletrônicos? Que impacto a tecnologia tem sobre a coleção de livros impressos, especialmente dos exemplares raros?

Não tenho nada contra, apenas prefiro o prazer físico de manusear o livro impresso em papel. Não creio na influência da tecnologia do livro eletrônico sobre a impressão de livros em papel. Se isso tivesse de acontecer, acho que já teria acontecido. Como o livro eletrônico, imagina-se, estará eternamente disponível, jamais será raro. A tecnologia pode e poderá, talvez, democratizar o acesso ao livro raro, disponibilizando-o através da digitalização. Com um porém, se a biblioteca que fizer isso não cobrar pelo acesso às digitalizações que oferece ou disponibiliza. Ao menos cobrar pouco, já que o processo de digitalização custa dinheiro, investimento, e as bibliotecas não podem ficar oferecendo serviços sempre de graça. Assim, quem quiser fazer uso do que estiver disponível, precisa pagar e continuar pagando, em alguns casos. Quem não quiser pagar, que faça uso de livros disponibilizado por, entre outros,

Projeto Gutenberg ([http://www.gutenberg.org/wiki/Main\\_Page](http://www.gutenberg.org/wiki/Main_Page)), em que os livros digitalizados, inclusive os raros, estão disponíveis gratuitamente; predominantemente em inglês ou traduzido para o inglês, mas também em outras línguas.

## APÊNDICE E - ENTREVISTA COM IÚRY RICON GODINHO

1) Seu nome?

Iúry Godinho.

2) Sua profissão?

Jornalista.

3) E atividades? Escritor, certo?

É, além de jornalista sou escritor, sou da Academia Goiana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Goianiense de Letras, Academia de Letras Espírita de Goiás e eu tenho na verdade são várias empresas. A gente tem a Contato, que é empresa que faz revistas, assessorias de comunicação, trabalha em mídia digital e eventos. Outra empresa é a DEV Comunicação que trabalha só com jornais e revistas pequenos, que tá ainda em desenvolvimento. Tem a Dínamo que é editora e eu tenho uma loja na internet também que eu trabalho com compra e venda de artigos de cultura pop que são bonecos, camisa de futebol, livros antigos raros, e basicamente é isso.

4) Como surgiu o interesse por colecionar livros?

Ah, acho que esse interesse vem da leitura. Eu sempre li. Eu não lembro quando eu comecei a gostar de ler mas eu sempre gostei de ler, e quanto mais você vai lendo, você vai gostando e você quer guardar. Tem um livro que fala sobre isso chama Ter e Manter, muito bacana esse livro, e então eu sempre pensei que eu queria ter uma biblioteca, e a casa que eu construí primeiro eu construí a biblioteca que eu queria. Eu escolhi a madeira, o formato, tudo quanto é lugar no mundo que eu ia eu olhava as bibliotecas pra fazer uma que eu quisesse, escolhi a pintura do teto, ladrilho do chão. Então assim, depois que eu construí a biblioteca que eu construí a casa, construí a casa em função da biblioteca. E eu não queria uma biblioteca que tivesse só livros porque eu tenho interesse em várias outras coisas, então quando eu construí ainda era VHS, que eu tenho muito ainda. Então eu queria uma biblioteca que guardasse fita de vídeo, e que depois pudesse guardar os DVDs e principalmente os CDs porque sempre

coleciono, e logicamente os livros. E não são só livros, né, são revistas, jornais, então a biblioteca tem um lugarzinho pra cada um deles lá.

5) O senhor considera essa atividade como um hobby ou digamos mais que isso, uma paixão?

Não, eu acho o seguinte: é um *hobby*, me descansa. O principio de tudo é a leitura, acho que a leitura e a música por causa dos CDs é o principio de tudo, mas assim, com o tempo acabou se tornando um negócio. E eu guardo também cartaz de teatro, catálogo de exposição. E tem muitas coisas que com o tempo eu fui perdendo o interesse. Assim, a biblioteca, eu acho que quanto mais velho você fica mais você apura o seu gosto estético e o seu foco. Então não quero ter uma biblioteca assim, por exemplo, eu tenho muito livro de medicina, não quero ter livros de medicina mais. Então acabou virando um negocio porque eu acabei vendendo um pouco, e vendo um pedaço bem pequeno da biblioteca eu vendo na internet pra colecionadores, porque se o livro não tiver comigo, eu não quero que ele vá pra uma biblioteca dessas aí pra que ele fique lá pra eventualmente alguém, sei lá quanto tempo, pegar. Eu quero colocar na mão do colecionar, porque o colecionar vai manter aquilo ali, e eventualmente ele pode até passar pra frente, ou colocar em outro lugar. Então eu vou manter comigo, eu quero manter comigo, os livros que eu tenho de história de Goiás. Esses eu, assim, é meu material de pesquisa então eu não vendo, eu vou permanecer com eles. Eu não tô preparado ainda pra vender um punhado de coisas, a parte assim que eu vendo da biblioteca é 1%, 1,5%, eu não tô interessado nisso. Mas realmente tem coisa que eu não quero ter mais, entendeu? Ai eu viro e compro mais. (risos).

6) E como é sua coleção? Ela pode ser considerada de livros raros?

Não. Tem muitos livros raros, mas não são todos livros raros. É uma coleção bem com a minha cara. Hoje o foco da minha coleção, como eu te falei, eu acho assim, a principal coisa que eu quero ter são livros de, é, que contam a história de Goiás. Esses eu quero deixar. Eu tenho outra parte também, que eu tô aumentando cada vez mais que é a parte de autógrafos. Eu tenho muito autógrafo, e quero ter cada vez mais. É um negócio assim que eu gosto, que eu me sinto atraído. A biblioteca tem a parte das biografias, que eu também invisto muito, gosto muito de biografias, e também de história. Recentemente, uns cinco, dez anos pra cá eu comecei a interessar muito pela Segunda Guerra Mundial, então também a biblioteca tá

crescendo em cima da Segunda Guerra Mundial. Porque a biblioteca ela nunca tá formada, ela tá sempre mudando, de acordo com seus interesses. E tem uma parte forte, que é a parte de cinema e música. Cinema DVD e VHS, e dentro disso eu tenho alguns focos que eu tenho interesse, e CD ai, hiper variado.

7) Contém periódicos, jornais?

Tem muito jornal, tudo que é história eu tô guardando. Assim, o jornal eu não guardo a edição inteira, a não ser quando eu compro, por exemplo, eu tenho vários jornais do Brasil do dia 11 de setembro de 2001, né, é porque foi uma data histórica da humanidade, então esses eu tenho, e assim eu vou guardando história de Goiânia, por exemplo, que eu tenho interesse. Eu guardo jornais, tudo que fala sobre história de Goiânia eu tô guardando, por exemplo, ali em cima tá cheio, eu estava comparando caderno de quando Goiânia fez 60 anos foi Goiânia agora que fez 80 anos.

8) E o que faz de um livro uma raridade, pra você? Quais são os critérios?

O critério é o meu interesse. Assim, falando em livro raro que eu gosto de ter também e que eu gosto de comercializar, vender e trocar, assim, eu não tô muito a procura de livro assim que teve uma tiragem pequena, entendeu? Eu tô a procura de livro assim que o autor tenha corrigido, ou que seja uma prova do editor, ou que esteja autografado. Assim, eu me preocupo muito pouco com, porque falar livro raro é um livro que teve pouca tiragem, eu não acho que seja só isso, eu acho que tem um punhado de outras variáveis também além da tiragem e que fazem o livro ser raro.

9) Então o que te atrai mais são os que estão nesse sentido, com autógrafos...

Exatamente! Inclusive depois você pode subir lá em cima, eu tenho um punhado de autografados. E outra coisa, eu coleciono o autógrafo mesmo, eu coleciono o autógrafo em documento, não necessariamente em livros.

10) O senhor colecciona assuntos específicos ou de todo tipo, já disse que os assuntos que colecciona...?

Eu colecciono coisas bem específicas, por exemplo, coisa que eu não quero na biblioteca mais, se eu tiver a oportunidade eu não quero mais nenhum: ficção. Eu não tenho mais interesse em ficção. Pode ser que eu volte a ter interesse em ficção. Eu só tenho interesse em coisas que aconteceram. Então toda a parte que eu tenho de ficção, realmente o meu interesse por eles acabou, mas assim, eu tenho interesse, por exemplo, dentro da história de Goiás eu tenho muito interesse em Goiânia, dentro de Goiânia eu tenho interesse em períodos. Então são coisas super específicas, como eu te falei eu tenho interesse na história da Segunda Guerra Mundial, na história da Alemanha, eu tenho interesse na história do nazismo, pra entender o que foi aquele movimento lá. E como eu trabalho com propaganda, a propaganda nazista me interessa muito porque foi uma propaganda muito eficiente. Então são interesses, pequenos recortes, dentro desse contexto histórico.

11) E na hora de adquirir livros, o senhor estuda e analisa a forma de produção, projeto gráfico, layout, confecção, papel....?

Não, não analiso nada disso. Se o tema me interessar, eu quero, eu compro. Ponto. Depois tem livro mais fácil de ler, livro mais difícil de ler, o projeto gráfico ele é fundamental, ele influi demais da conta, mas assim, não é o primordial, o primordial é se o tema me interessar. Se interessou...

12) Quanto ao seu acervo, é possível destacar a maior parte como raridade?

Não, a maior parte são livros comuns, livros de estudo. Mas assim, eu tenho muita raridade no acervo. Tenho por exemplo o livro que o IBGE fez em 1942 pro batismo cultural de Goiânia. Esse livro por si só já é raro, porque fez uma tiragem limitada. Eu tenho um livro dessa tiragem limitada, mas eu tenho um livro, chama Goiânia, mais raro ainda porque ele é um livro numerado, ele foi uma tiragem acho que de dez ou quinze exemplares, o primeiro número foi pro presidente, que foi o Getúlio Vargas, o segundo, o número dois dele foi interventor da época, que era o Pedro Ludovico Teixeira, interventor de Goiás, o terceiro foi pro presidente do IBGE e o quarto foi prefeito de Goiânia venerando de Freitas Borges. Eu tenho esse número quatro. Então são coisas muito, muito raras. Eu não tenho preço de

mercado, como você precifica isso? Não tem jeito, por exemplo, tem ali um catálogo na verdade dos anos 40 com a relação de todos os discos que foram gravados em Goiás. Quer dizer, não tem biblioteca que tem isso. Eu fiquei com a biblioteca do Venerando de Freitas Borges, que foi o primeiro prefeito de Goiânia, então nessa biblioteca tem documentos maravilhosos, logicamente que 99% são coisas assim que tem ai, mas tem uma parte de documentos que são maravilhosos e que eu vou incorporar na biblioteca pra deixar até ter um lugar porque eu sou só o guardião do arquivo, da biblioteca. Essa biblioteca é da cidade, lá tem a primeira mesa da prefeitura, o primeiro diploma, o chapéu dele, todas essas coisas que estão incorporadas que são raridades da minha biblioteca, e você vê que eu não tô falando em nenhum momento da minha biblioteca como livro, eu acho que livro é só uma parte das bibliotecas. Eu gosto muito de visitar bibliotecas no mundo, eu não conheço nenhuma grande biblioteca que seja biblioteca só de livros. Não tem.

13) Quais os meios e recursos que utiliza pra ampliar seu acervo? A internet facilita nessa busca?

Facilita, facilita. A internet é bem bacana. Eu não uso muito a internet, uso assim, a partir de uma leitura eu descubro um livro raro, ai eu busco na internet. E a internet pra livro raro ela é excelente porque muitas vezes a pessoa não sabe da raridade que tem na mão. Então é fácil comprar. Comprei, tô lembrando aqui, um livro de 1990, ele chama a Vida Sexual dos Selvagens, ele é de um cara chamado Júlio Barroso, e é outro interesse que eu tenho, rock dos anos 80, rock nacional dos anos 80, e esse Júlio Barroso foi tipo o ideólogo dessa geração. Ele foi o ideólogo do Lobão, do Cazuza, ele tinha uma banda muito bacana que chama Ganguê Noventa e as Absurdetes, ele teve algum sucesso que tocou na rádio, foi um cara inovador pra época. E ele escreveu esse livro A Vida Sexual dos Selvagens, só que logo depois ele suicidou, e esse livro foi logo ali perto da época do suicídio dele, eu não sei o que que tem, e foi um livro de tiragem muito limitada, um livro grande, bacana, esse livro, eu lembrei que eu tinha ele, procurei não tinha mais e a internet serviu. Mas por quê? Porque eu lembrei que eu tinha, procurei e não tinha mais ai fui atrás dele. Agora, a internet é o lugar mais bacana do mundo pra você comprar livro raro, barato, da pessoa que não sabe o que tem na mão. Eu tenho uma primeira edição autografada aqui do Jorge Amado, que é aquela obra de três volumes dele, depois vou te mostrar, o cara me vendeu ele por 80 reais os três livros, autografado primeira edição, então quer dizer, é gente que pega de herança. Caiu, achou um caixote em casa, achou uma caixa, tá lá, ai pega e vende. Então serve pra essas coisas.

14) Pra conseguir novos livros, coleções, é basicamente pela internet?

Não, hoje é o seguinte, hoje eu já ganho, a pessoa sabe do meu interesse, sabe que eu vou guardar, eu já ganho muita coisa. Você viu que a biblioteca é grande, eu tô reciclando ela, então assim, eu recebo muitas coisas, as pessoas me ligam: “ó, vem cá pegar”, e além disso eu não faço economia com biblioteca. Se eu quiser e se eu tiver condição, eu vou lá e compro. Eu compro livro praticamente toda semana. Revista então, nossa Senhora. Porque uma parte da biblioteca tá aqui, outra parte tá na empresa, a minha parte, por exemplo, de revistas eu levei toda pra empresa. Revista é muito pesado, e tudo e apesar de eu ter feito essa biblioteca aqui ela não tem muita estrutura pra ficar colocando peso lá, vai afundar.

15) Conhece outros colecionadores, no caso bibliófilos aqui em Goiânia?

É eu conheço o cara que tem muito interesse que é o Geraldo Coelho Vaz, mas assim, realmente eu não tenho com quem conversar aqui em Goiânia, eu tenho fora de Goiânia. Assim, nesse nível de colecionismo que eu coleciono as coisas, e que eu saca biblioteca, se tiver, eu não conheço, nem nunca ouvi falar. Tem gente que coleciona arma, (risos), mas assim que tenha interesse em montar um biblioteca, eu não conheço. Antes eu pensava em deixar uma biblioteca. Hoje eu penso em deixar pedaços da biblioteca. Sabe, deixar esse pedaço que trata diretamente das coisas de Goiás, eu tenho muito livro que realmente não tem aqui, coisa que fez fora e não vem. Eu tenho coisa por exemplo, eu tenho o áudio da música que se cantava em Goiânia na época do batismo em 1942, isso é um vinil, isso tem aqui ainda, eu sei de gente que ainda tem o vinilzão lá, outra parte que eu não falei, eu tenho muito vinil. Meu tocador de vinil aqui ó. (risos). Viu, você não fala que isso aqui é de 1950. (risos).

16) Então se você não sabe de quem coleciona você também não tem notícias de associações, grupos...

Não, não tem. Esquece. Não tem. E formar é difícil. Eu editei já três livros de luxo feitos à mão, coisa de bibliófilo. Todo processo manual, tiragem limitada e tudo. Goiânia, Goiás é um atraso total. Você não encontra colecionador. As pessoas aqui querem livros de graça, não dão valor no livro. Aqui é a Selva! A gente vive na selva. Não tem, as pessoas não entendem...eu entendo o livro como investimento, por exemplo, eu tenho um livro aqui, é o único livro que o

Raul Seixas publicou em vida. Chama As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor, um negócio assim, e eu tenho. Na verdade o Paulo Coelho tinha uma editora, e então quer dizer, é um livro do Raul Seixas editado pelo Paulo Coelho. E eu não tenho nenhum interesse nesse livro, então eu vendi ele a internet por 2.500 reais. É depois me arrependi porque deveria ter pedido mais nele (risos), então assim, todas essas coisas relacionadas com cultura pop, eu sempre tenho. Por exemplo, eu tô ali pra vender ali, uma vez eu fui no local onde o Elvis Presley nasceu, então eu trouxe de lá um catálogo, na verdade foi um folheto, que serve como catálogo, e eu tenho os dois ingressos de lá. E essas coisas tem um valor. Eu não quero na minha biblioteca, eu não tenho interesse nisso, eu tenho interesses nos discos, nessas coisas que eu já tenho, nessas coisas. Eu não tenho interesse em toda a bibliografia que eu acumulei do Elvis, são livros de luxo, livros grandes, entendeu? Então eu prefiro colocar na mão de quem gosta, de quem preserva, de quem coleciona Elvis. Então eu vejo também um valor alto, um valor financeiro nos livros. Agora tem muitas coisas que eu já tenho e que eu compro de novo que eu sei de gente que quer. Algumas coisas que eu compro pra revender, isso assim muito incipiente, como um *hobby*, é porque que tenho loja na internet, isso é um negócio mesmo, além de ser colecionador. Tem a parte financeira. Logicamente que quando eu vou comprar uma coisa, eu compro o que eu quero o que eu gosto, agora, se essas coisas daqui dez anos eu não quiser mais, eu não tiver mais interesse, eu vou vender.

17) Que importância sociocultural, e até econômica atribui aos livros raros para a sociedade?

O livro raro, tem seu valor, e assim, o livro raro tem um valor maior ainda se você conseguir levar esse livro pra um maior número de pessoas. Mas o problema de livro raro é que você não pode ficar disponibilizando ele. Por exemplo esse livro de Goiânia, de 1942, eu gostaria muito de, e eu posso, tenho condições, eu queria escanear e colocar na internet pra que fosse estudado e tudo. É muito bacana, eu queria demais colocar todos os livros na internet, fazer uma edição fac-similar na internet, ia ser maravilhoso. Só que lei do direito autoral é cruel. Como é que eu vou saber? Por exemplo, lá tem o texto do Venerando, eu sei que a família do Venerando não vai dar problema, mas lá tem um punhado de outros textos de outras pessoas que já morreram e que eu não sei como é que vai ser a reação, será se ele tem um herdeiro, se a pessoa vai querer tirar valor financeiro daquilo, então assim, a lei, ao mesmo tempo que protege, ela limita a difusão do conhecimento.

18) Como calcula o valor monetário de um livro raro que adquire ou vende?

O valor é o que o colecionador estiver disposto a pagar. Não tem valor, não tem preço. Com a internet facilitou mais, porque quando um livro não é tão raro assim, não dá pra você vender um livro de mil reais enquanto o outro tá vendendo por 100, então a internet serviu pra dar um parâmetro nisso, agora os livros que realmente não existem, os raros, eles não tem valor, o valor é você achar a pessoa certa que vá comprar esse livro.

19) E quais são os cuidados necessários na sua opinião pra preservação de um livro, especialmente os raros?

Tem várias coisas, a primeira é controle de umidade. Eu acho assim você escolher a madeira certa pra biblioteca é fundamental pra você ter o controle de umidade pra evitar fungo no livro. O segundo é luz. O local tem que ser iluminado. A preservação tem que ter luz. E uma coisa que eu acho importante, não pode ter luz direta. A luz tem que ser indireta. Eu tive essa biblioteca em outro lugar e o sol batia direto, então assim, a primeira coisa que faz é sumir a lombada. A luz solar come a lombada. Outra coisa é o local tá limpo. Você não pode amontoar livro. Toda vez que você amontoa você perde, assim, o livro dobra, quebra. A revista é melhor uma em cima da outra, mas livro não dá. Não gosto também, por exemplo, quando você vai guardar as coisas deitadas, não gosto de guardar coisas de tamanhos diferentes deitada. Gosto de guardar tudo mesmo tamanho, pra evitar justamente de amassar. Papel é uma coisa muito delicada, a gente perdeu essa noção de quanto papel é delicado.

20) Há livros raros goianos na sua coleção?

A primeira edição de Tropas e Boiadas de Hugo de Carvalho Ramos, porque não foi editado aqui, é raro, eu tenho uma segunda edição dele, não é nem a primeira. Os livros do início de Goiânia, da Professora Ofélia, então a primeira edição dele é muito rara, conheço gente que tem ele. E tem livros aí já da década de 80 que estão se tornando raros. Tem alguns livros de arte que são da década de 90 e que já estão ficando raros. Teve aqui uma Bienal do Incomum, que foi uma bienal de obras que ficaram rodando pela cidade, o catálogo, um livro dessa bienal foi muito bacana, e foi até eu que produzi esse livro. Mas depois eu tive dificuldade pra adquirir o livro, porque tiragem pequena, e muito diluída, as pessoas não guardam. O que mais existe é raridade. Meu foco é porque não tá em livro raro, mas você acaba tendo.

21) Quais são os tipos ou categorias mais comuns de livros raros, na sua opinião (técnico-profissional, acadêmico, científico, histórico, literatura)?

Eu acho que os livros raros são livros de literatura, e os livros históricos. Esses são os livros raros. Eu não preocupo muito com a raridade de um livro, como eu te falei eu me preocupo se eu gosto, se eu tiver interesse, esse livro me serve.

22) Qual sua opinião a respeito dos livros eletrônicos? Que impacto você acha que a tecnologia tem sobre os livros impressos, especialmente na questão do livro raro.

O livro raro sempre vai ter o colecionador, ele não vai funcionar no mercado eletrônico porque ele vai sempre querer, nunca vai perder o valor, porque ele sempre vai querer aquele material ali da época, o cara vai querer pegar e tudo. Eu não vejo muito interesse, a não ser assim das grandes bibliotecas em difundir essa questão dos livros raros e não vejo muito interesse de colecionador em buscar esses livros raros na internet. A não ser pra conhecer, pra se deparar com um e poder adquirir. A internet é uma mídia complementar, ela não veio acabar. Eu acho assim que com exceção da televisão, porque as pessoas vão acostumar a pegar notícias na internet, a não ser nas tevês abertas, eu acho que a internet não vai acabar com o livro, não vai acabar com o papel, com o rádio, como não acabou, ela é uma mídia complementar, ela vai viver no meio de todas as outras mídias. O livro eletrônico também vai viver ao lado da literatura convencional. Eu viajo muito, em Nova York eu vejo muita gente lendo livro na internet no metrô, por exemplo. E não são pessoas jovens, mesmo porque elas têm outro interesse que não a leitura na internet. Essa questão das redes sociais pega muito mais os jovens do que o livro. Mas assim, eu continuo vendo muito mais gente lendo livro físico, em Nova York, do que gente lendo o livro digital. E gente que gosta de ler, vai ler digital, em papel, se tiver em folha de arroz ele vai ler, ele gosta de ler, ele não tá preocupado com isso. Logicamente que é mais difícil de ler na tela do computador. Ai fala, “Ah é porque a geração não tá acostumada”, não, não é. É porque tem a questão da luz, a luz é agressiva, por menos que seja ela te agride você cansa mais, o livro te dá, hipertexto, por exemplo, te dá a oportunidade de você buscar outras coisas, isso é bom, mas isso interfere na leitura, você vai demorar mais a ler um livro. Então assim, a mídia tem suas vantagens, e tem suas desvantagens. O livro na internet ele é mais barato, mais fácil de carregar. Mas ele tá longe de ser um livro de verdade. E não é problema de geração, é problema do meio. O meio

internet não propicia esse tipo de coisa. Você assistir um filme em seu laptop é uma coisa, na televisão é outra no cinema outra. Não adianta, Estados Unidos você vai lá, vinil hoje é muito mais caro que CD, então assim, tem sempre aquela pessoa que vai gostar do som aveludado do vinil, quem tem o ouvido mais apurado vai sempre preferir o vinil do que o CD ou do que o MP3, então tudo isso vai conviver. E quanto mais virar nicho, mais vai dar dinheiro.

## APÊNDICE F - ENTREVISTA COM MIGUEL JORGE

- 1) Nome completo.

Miguel Jorge. Professor aposentado da UFG e escritor.

- 2) Como surgiu o interesse em colecionar livros?

Bom, isso começou desde menino mesmo, na minha infância, eu já gostava de um monte de livros. Nós morávamos em Inhumas, minha família, e o que eu podia ler em livros, eu lia. O que não podia eu lia em revistas, jornais, mas eu queria sempre atualizar-me sempre.

- 3) E o senhor considera um hobby ou digamos mais que isso, uma paixão?

Pra mim literatura é uma coisa muito séria, que me desculpem os fracos. Mas literatura pra mim tem que ser uma coisa forte. A começar pela palavra, a começar das frases, da busca, da pesquisa, da construção dos personagens, e da história que você vai narrar, claro que você parte de uma realidade, mas você tem que usar sua criatividade. E usar também das técnicas modernas, eu uso porque gosto,

- 4) A sua coleção, o senhor coleciona certo. Ela pode ser considerada de livros raros?

Não, eu não tenho assim muitos livros raros, eu tenho alguns. Como eu sou escritor do modernismo, então eu busco o que há de mais moderno, de mais atual.

- 5) E contém periódicos, jornais?

Sim, os eu tenho encadernados. Os que me interessam são suplementos literários, jornais, eu os tenho encadernados.

- 6) O que torna um livro raro pro senhor?

O tempo é o senhor da razão. Com o passar do tempo, o livro ele se torna um livro reconhecidamente bom, e com o passar de mais tempo ele vai se tornando raro, porque você

não tem outras sucessivas edições, então quem tem o livro, as bibliotecas e as pessoas que tem o livro, guardam esse livro com carinho, tem a biblioteca, a coleção de livros raros, isso é, coisas mais antigas, nós estamos falando de coisas antigas. Mas é muito interessante isso.

7) Na sua biblioteca o senhor coleciona assuntos específicos?

Olha eu tenho de todos os assuntos. Tenho de todos os assuntos na minha biblioteca. Tenho de ficção, romance, contos, poesia, ensaios, sabe? Tenho de sociologia, tenho psicologia, enfim, eu tenho tudo.

8) Que possa ser considerado raro, o senhor tem algum?

Que possa ser considerado raro, de momento eu não me lembro, mas eu tenho, por exemplo, a primeira edição brasileira do (00413), não sei se já pode ser considerado raro, mas é a primeira. Eu tenho a do Camões, essa eu considero que é rara, porque foi lá primeira edições e de alguns outros que eu não me lembro no momento, mas são poucos, como eu te falei.

9) E ao buscar livros, adquirir livros, o senhor estuda e analisa também a forma de produção, assim o layout, projeto gráfico, papel?

Mas claro tudo isso importa para um livro: o papel, a diagramação, tamanho de letra, as margens, tudo isso é observado sim.

10) E na questão dos livros raros, quando o senhor busca ou se depara com um, o senhor também repara?

Sim, claro, pra ver também a diferença de lá pra cá, de idade, porque às vezes um livro raro foi mais bem cuidado que um novo.

11) Quais os meios e os recursos que o senhor utiliza pra ampliar seu acervo?

Os meus mesmos (risos), eu gasto do meu bolso.

12) Mas o senhor busca na internet, a internet ajuda?

Ajuda muito. Em Goiânia às vezes você não acha o livro que você precisa então você pede pela internet.

13) Conhece bibliófilos ou colecionadores de livros raros em Goiânia?

Não, não conheço.

14) Então uma associação ou grupo de bibliófilos também o senhor nunca ouviu falar?

Não, não.

15) Na questão de livros raros, que importância o senhor daria sócio-cultural e até mesmo economia pros livros raros na sociedade?

Eu dou mais importância à própria história, sabe? Vou te explicar como. Como foi elaborado esse livro, como foi criado esse livro, como foi editado esse livro. Porque não era fácil, hoje é muito mais fácil, mas antigamente era muito difícil. Você vê, por exemplo, que editar Ulisses, ele foi recusado várias vezes, aí de repente apareceu uma editora, uma mulher que falou: “eu vou editar esse livro”, e é um sucesso que tem hoje. Claro que o conteúdo do livro é importante, senão não se torna raro, não é um livro admirado, um livro procurado, bem quisto, enfim. Mas a questão histórica, por exemplo, você vai ler Camões, você vê a história de Camões, como é que esse livro foi concebido, de que maneira foi editado, então a gente tem que pegar o todo, você pega o todo, mas é muito importante tudo isso.

16) E monetariamente, como o senhor calcularia o valor de um livro raro que eventualmente o senhor adquiere ou vende?

Eu acho que não tem o preço. Não tem preço. Eu acho que quem tem o livro raro, ele tem que ficar com esse livro, guardar com amor, carinho, e passar para as futuras gerações.

17) Quais os cuidados para preservar um livro raro, na opinião do senhor?

Eu acho que tem que ser guardado em um ambiente muito seguro, sem umidade.

18) Qualquer livro, né?

Isso, qualquer livro, agora o livro raro ter que ter uma estante especial.

19) O senhor tem livros raros goianos?

Eu tenho sim, deixa eu ver, eu sei que eu tenho poucos, mas eu tenho. Tenho o dicionário Analógico do Professor Ferreira, eu tenho uma Antologia, já é rara, de autores, escritores goianos. Basicamente são esses dois.

20) Quais são os tipos e categorias de livros mais comuns de livros raros, na sua opinião? Seriam os de literatura, ou os de religião ou história...?

Olha são os três. Literatura é importantíssimo. Religiosos também, você pegar, por exemplo, a história dos santos, do cristianismo. Tudo isso faz parte da própria cultura, deve fazer parte da própria cultura. História, também, nem se fala, porque a história nunca é contada como ela é. Então quando você pega um livro raro e que é uma história, esse deve ser preservado.

21) E na questão de livros eletrônicos? Qual o impacto a tecnologia tem sobre os livros impressos, especialmente os raros?

Olha, no meu caso eu preciso ter contato físico com o livro, preciso passar páginas, anotar. Então o livro eletrônico a mim não atrai. Eu acho muito cansativo e eu acho que a pessoa perde muito. Você estar com o livro, aberto, você vai lendo pagina por pagina, faz anotações. Você sente, tem o prazer de estar com esse livro. Pra mim isso é muito importante. Você leva pra onde você quiser né? Vai pra sala, pra cozinha, pra dormir, você tá com o livro. Pra mim isso é importante. Eu acho que não acaba. Independente do que vier, sabe?